

O GALO

ANO XIV - Nº 8 - Agosto 2002

NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

IHG/RN

Uma casa centenária



O escritor Enélio Lima Petrovich fala, na entrevista deste número, sobre os cem anos de criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e sobre o seu novo livro “No correr do Tempo”.

Reportagem de Nelson Patriota dá detalhes da I Bienal

do Livro do Rio Grande do Norte, que começa no dia 9 de setembro, no Centro de Convivência da UFRN, e que trará a Natal os escritores Ruy Espinheira Filho, Fernando Monteiro, Gilberto Mendonça Teles, Raimundo Carrero, Claudio Aguiar, Antônio Carlos Secchim, entre outros.

Labim/UFRN

Uma casa centenária, Bienal e estratégias jomardianas

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, mais antiga instituição cultural do Estado, está centenária. Para falar da importância desse aniversário, O GALO ouviu seu presidente, escritor Enélio Lima Petrovich, o qual fala do calendário comemorativo da casa que tem na Coleção Cultura um dos marcos da efeméride. O escritor fala também do seu novo livro, "No Correr do Tempo", que reúne crônicas publicadas na imprensa norte-riograndense, nos anos 90.

O crítico Anchieta Fernandes comenta "Atentados Poéticos", o novo livro de Jomard Muniz de Britto, e chama a atenção para alguns aspectos que reputa importantes para a fruição do texto jomardiano, entre outras coisas, os "estratégias da pergunta como resposta, a radicalização desabusada da paronomásia, que faz palavra puxar palavra e estica o fio do discurso até partilo e a radicalização não menos desabusada do jogo intertextual".

Reportagem de Nelson Patriota traça um panorama sucinto da I Bienal Nacional do Livro do Rio Grande do Norte, que começa dia 9 de setembro, e trará a Natal grandes nomes da cultura brasileira. O contista Francisco Sobreira narra em "Viagem de ônibus", o diálogo sutil entre uma senhora e um jovem estudante durante uma viagem de ônibus. Em "A Mansão", o poeta Adriano Gray Caldas narra um passeio pelos bairros antigos de uma cidade imaginária que se confunde com uma visão saída do mundo dos sonhos. Genildo B. de Oliveira escreve sobre ícones da era de ouro do jazz. O crítico e artista plástico Dorian Gray Caldas comenta o lançamento dos livros "Comunicação Alternativa e Movimentos Sociais na Amazônia Ocidental", de Pedro Vicente Costa Sobrinho e "Vozes do Nordeste", de Pedro Vicente Costa Sobrinho e Nelson Patriota. Afrânio Pires Lemos narra uma viagem de carro-de-boi pelo sertão em que aprende o código de civilidade dos vaqueiros. Ubiratan Queiroz narra o «causo» de um valentão que decide batizar o filho com o nome de «Onça Quatorze». Romão Inácio estuda «a palavra instaurada» em *Contacanto*, de Jarbas Martins. A poesia vem pela pena do poeta bissexto Jóis Alberto, com seu "Soneto Imperfeito".

Atenciosamente,

O Editor

Índice

03 *Jomard de novo livr(e)o*
Anchieta Fernandes

05 *Viagem de ônibus*
Francisco Sobreira

08 *Bienal homenageia pioneiros norte-riograndenses*
Nelson Patriota



09 Entrevista

O escritor Enélio Lima Petrovich fala do centenário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e lança novo livro de crônicas.

12 *A mansão*
Adriano Gray Caldas

13 *O excêntrico*
Ubiratan Queiroz

14 *A palavra instaurada em Contracanto*
Romão Inácio

15 *Orquestras, músicas e mitos*
Genildo B. de Oliveira



19 *Todo fogo*
Afrânio Pires Lemos

22 *Solar dos Antunes*
José Anchieta Cavalcanti

23 *Correios/Lançamentos*

24 *Soneto imperfeito*
Jóis Alberto Revorêdo

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

FERNANDO FREIRE
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

PAULO TARCÍSIO CAVALCANTI
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
LUCIANO FLÁVIO FERRAZ PORPINO
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Dorian Gray Caldas, José Anchieta Cavalcanti, Adriano Gray Caldas, Anchieta Fernandes, Romão Inácio, Ubiratan Queiroz, Afrânio Pires Lemos, Jóis Alberto e Genildo B. de Oliveira.

Foto da capa: Clóvis Tinoco.
Ilustrações: Francisco Irã Dantas.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342.

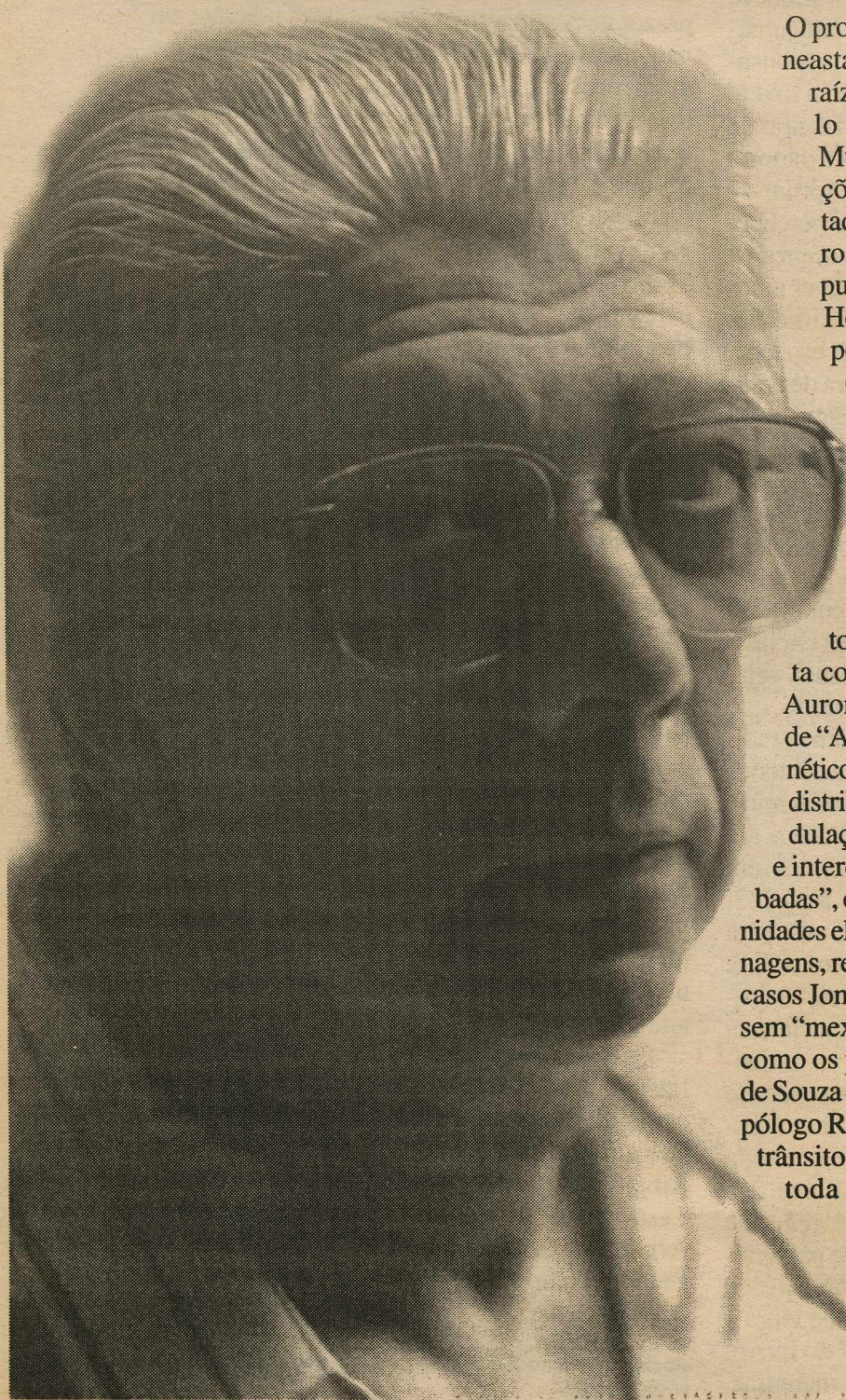
E-mail do editor: nelson@digl.com.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

JOMARD

de novo livr(e)o

Anchieta Fernandes



O professor e multi-artista (escritor, cineasta e sempre animador cultural com raízes na pedagogia libertária de Paulo Freire) pernambucano Jomard Muniz de Britto publicou, pelas Edições Bagaço, mais um livro, "Atentados Poéticos". É o décimo-primeiro trabalho no conjunto de sua obra publicada, desde "Contradições do Homem Brasileiro" (1964, ed. Tempo Brasileiro, RJ). Em 405 páginas (incluído aí o "Caderno de Bricolagens", somente de linguagem visual), o novo livro é uma espécie de antologia, com revisão e releitura de textos já publicados em outros livros e "um número considerável de inéditos em livro", como explicam "os editores, depois de uma longa entrevista com o autor no Barrozo, da rua da Aurora. Recife, março/2002." (v. p. 11 de "Atentados Poéticos"). São textos fonéticos/lingüísticos ou semióticos/visuais distribuídos em quatro capítulos ou modulações, ao mesmo tempo autônomos e interdependentes: 1) "Memórias Roubadas", onde percorre um itinerário de "afinidades eletivas", com interferências, homenagens, recortes e colagens verbais, nalguns casos Jomard transcrevendo integralmente, sem "mexer sequer em uma vírgula", textos como os poemas de Daniel Lima e Sidney de Souza e o testemunho filosófico do antropólogo Roberto Motta; 2) "Poeticidade em trânsito", ensaios em prosa, onde fulgura toda a filosofia sempre jovem e a

criticriatividade jomardiana; 3) "Replicantes Mitologias", mais ensaios, poemas e algumas entrevistas concedidas por Jomard; 4) o "Caderno de Bricolagens".

O texto radical jomardiano é traduzível por uma leitura crítica dentro da lógica? Geneton Moraes Neto já escrevera, na orelha do livro "Bordel BRASILírico Bordel", que "há um traço fascinante em tudo que Jomard escreveu, escreve, escreverá. O texto parece sempre em movimento. (...) as palavras que ele alinhava parecem estar sempre levantando vôo por entre interrogações, desafios, declarações de guerra ao que é velho e a necessidade de celebrar os gritos que racham cristais". (V. livro referido, Comunicart, Recife, 1992). Estudando alguns procedimentos estilísticos de Jomard, em artigo para o jornal "O Norte" (João Pessoa, 20/05/92), João Batista B. de Brito, assim os viu: a) a radicalização desabusada da paronomásia, que faz palavra puxar palavra e estica o fio do discurso até parti-lo; b) a radicalização não menos desabusada do jogo intertextual, que faz idéia puxar idéia e expande a significação até os limites da opacidade; e c) a radicalização idem da abertura textual, especialmente através de dois **devices** recorrentes; 1) a assunção dos paradoxos; e 2) o estratagema da pergunta como resposta. Então, como se vê, o desenho epistemológico do texto de Jomard por João Batista define o paradigma desta particular arquiesscrita, em seus objetos decodificáveis.

Mas para ler Jomard (este Godard nordestino do filme-em-texto) é preciso concentração no con-texto que ele constrói a partir de sintagmas transformacionistas, pois estamos diante de um dos autores pertencentes à grande família de criadores, qualificados para o experimental no eixo conotativo do libertar (se); família esta que, independentemente da cronologia histórica, inclui desde

"Há um traço fascinante em tudo que Jomard escreveu, escreve, escreverá. O texto parece sempre em movimento. (...) as palavras que ele alinhava parecem estar sempre levantando vôo..."

o grego Símias de Rodes (300 AC) passando por Lewis Carroll (que continua “o gênio” do segundo milênio, mesmo tendo sido marginalizado por Moacyr Cirne em uma lista de “gênios do milênio” para os leitores do “Balaio Incomum” escolhidos), os concretos, o russo Maiakowski e o norte-americano Ezra Pound, até os poetas visuais/mimeográficos e de arte/correio da geração brasileira dos anos 70/80 – todos eles (do grego aos brasileiros) vivendo o mesmo tempo sincrônico de criatividade. Com um especial toque de humor que faz, por exemplo, no caso do autor dos “Atentados Poéticos”, que surja um imaginário crítico que escreve a orelha do livro, crítico este que tem o nome de Jean-Paul Beauvoir (remetendo aí ao companheiro da feminista revolucionadora com o livro “O Segundo Sexo”, e ele próprio revolucionador ao definir uma escola literário-filosófica, o Existencialismo).

Para ler Jomard, é preciso estar preparado para múltiplas surpresas. Descobrimos, por exemplo, após ler e achar que sabe definir o pensamento e o sentimento de determinado trecho de texto, que ainda existem muitas outras semânticas por trás e por dentro das palavras, das frases, das locuções, dos jogos paronomásticos, das brincadeiras sonoras, das sugestões visuais, das lembranças de nomes, de deuses, de livros, de poemas, de gírias. Muitas vezes se descobrem os **outros** sentidos muito depois de ler e interpretar, até mesmo depois de publicar artigos analíticos ou críticos sobre estes textos (ou sobre o grande para/texto moto-perpétuo) do autor pernambucano. E então, mais uma vez, se conecta o novo sentido aos anteriores, como se o leitor decodificador fosse um técnico de montagem motando/remontando as sequências de um para/filme polissêmico para, somente assim, dar-se conta desta tenacidade denotativa no criar, que não aceita a coação de qualquer ideologia (inclusive a da língua sistemática), e onde o Jomard escrevivenciador vê-se, ele Jomard vendo o Jomard-e-outro de sua função escritural. Porque é que “reciferido” pode estar no mesmo patamar de “recifeliz”? É porque existem as “recifrestas” (V. p. 105 de “Atentados Poéticos”).

Jomard, por exemplo, não julga o comportamento político de Gilberto Freyre ante a ditadura militar pós-64 (v. o ensaio “Crueldades & Confraternizações”, p. 222 e Seg. do livro “Atentados Poéticos”); Jomard ex-



“Mas para ler Jomard (este Godard nordestino do filme-em-texto) é preciso concentração no contexto que ele constrói a partir de sintagmas transformacionistas”

põe o comportamento público de G.F., o discurso assumido na adesão (submissão? Tão anti-picassiano...) ao golpe, as contradições interpretativas de G.F., Jomard colocando lado a lado textos do autor de “Casa Grande & Senzala” que se auto-desmentem (v. pp. 235/236 do livro), mas ao mesmo tempo Jomard confessando-se (espelhando-se no exemplo mencionado à p. 240 do livro, de João Cabral de Melo Neto) rendido à “prosa-espreguiçadeira” de Gilberto Freyre, “que nos enreda e nos encanta”. O uso das citações, por Jomard, às vezes torna possível algumas deduções mais realistas do que a responsabilidade crítica. Às pp. 158/159 do livro ele cita Italo Calvino: “Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”. Ocorre que isto até parece literatura de auto-ajuda. Mas – via Jomard – é o mesmo autor de “Seis Propostas para o Próximo Milênio”, o mesmo Italo Calvino de “O Visconde Partido ao Meio”. Daí que convém refletir se, às vezes, Paulo Coelho também é importante.

Mas, questionamentos à parte, (afinal de contas, respeitemos a diversidade cultural do universo de leitores, seus interesses circunstanciais, suas necessidades temáticas), vejamos em Jomard mais o poeta do texto, que pulveriza prismograficamente a forma tradicional do dizer, detonando, via aliterações (que musicalidade através de nomes femininos quando ele faz as letras bailarem em “leilas, lulus, luzilás, luzes”, à p. 205), uso em destaque de maiúsculas (como, à p. 283, quando a palavra “transcendental” vira “transcendenTAO”, trocando a consoante pela vogal, e fazendo a sílaba final ser o substantivo Tao, o Caminho da filosofia religiosa oriental), ou, finalmente, a própria vogal maiúscula em meio ao período representando nome próprio, mas pluralizado, virando substantivo comum, identificando uma tipologia patronímica regional (Falo de Anchietas e potiguanes), numa demonstração de irreprimível fluxo sonoro/visual de palavras, que se complementam no teor tropicalfrico da ternura humana (“Falo da carne tenra e cálida da infância” (V. pp. 46/47 do livro). Isto sem se esquecer das várias maneiras,

criativas e ternas, com que Jomard denomina lugares nordestinos: “Londrestina” (seria a Londres nordestina, ou a Natal vanguardista dos anos 60/70), “Paraibarroca”, “Tristerezina” etc.

Cada palavra, cada fonema em destaque, ou ainda cada intervenção criativa em trabalhos de Portinari e outros pintores, são bombas-molotov que o leitor pode, como neoguerrilheiro de idéias, pegar e jogar contra a literatura conformista e puxa-saquista das máfias culturais provincianas. O espaço-embranco do texto arquiescritural de Jomard é placa-de-trânsito, onde o leitor acelera dentro de um silêncio os motores da irreverência, para, como no trauma fonético “c (é) u”. (v. p. 212 do livro), conjugar obliquamente uma simetria que transforma o lugar de felicidade prometido pelas religiões aos espíritos em lugares da chã escatologia humana que, afinal, via Freud, pode ser também o lugar do prazer na prática sexual humana. O leitor é vanguarda e guerrilheiro com Jomard Muniz de Britto, escritor que tem importância marcada nos movimentos da juventude pós/Poema/Processo dos anos 60, principalmente porque ele foi um dos redatores do famoso manifesto tropicalista (“Porque somos e não somos tropicalistas”) lançado em abril de 1968, na Galeria Varanda, em Olinda, por ocasião da “vernissage” do artista norriograndense Marcos Silva (então, um dos que trabalhavam o Poema/Processo no Rio Grande do Norte).

Das folhas soltas, grafismos em preto-e-branco e papel comum do “Escrevivendo” (livro publicado em 1979) até o bloco único e de caderno em papel especial com trabalhos coloridos do livro de 2002 a poética de Jomard é este sempre inquietar-se e inquietar. Seus filmes (desde “Infernolento” até o vídeo “Paraíba Masculina Feminina Neutra”), seu cd (“Pop Filosofia”), seus poemas, suas aulas e palestras multimidiáticas – tudo isso conjugado a um tão humano ser-estar-nomundo-em-convivência-com-os-outros (seus livros sempre tiveram parceria com artistas diversos, sendo de destacar “Terceira Aquarela do Brasil”, de 1982, onde o caleidoscópio gráfico de Anacleto Elói dá-lhe um tom mcluhiano re/processador) demonstra que não se sai ileso quando se foi alguma vez amigo pessoal de Glauber Rocha.

Qualquer dia, Jomard Muniz de Britto vai lançar um livro com som, brilho, comunicabilidade tátil, e gosto de manga e peixe frito, para ser devorado nos bares da Ribeira, nas ladeiras de Olinda, na Praça Castro Alves, ou no trem do forró que vai do Arraiá do Galante à Estação Velha, em Campinoigrande (e o menu será redigido por Pedro Vicente).

Anchieta Fernandes, norte-rio-grandense, é poeta e crítico literário.

Viagem de ônibus

Francisco Sobreira

“Nunca na minha vida eu vou botar os pés dentro dum avião. Eu tenho medo que me pelo de avião. Meu marido vive brincando comigo por causa disso, ele que não tem um pingão de medo. Não conto as vezes que ele me chamou pra darmos um passeio no sul e eu deixei de ir porque tinha de viajar de avião. Eu sei que vou morrer sem ter conhecido esses lugares distantes, mas já tou conformada”.

As últimas palavras da mulher foram acompanhadas por um largo sorriso. O rapaz também riu e disse:

“Mas a senhora não está sozinha nesse pavor de avião. Tem muita gente, mas muita gente mesmo, que não entra num avião nem amarrada. Conheço o caso de um jogador na Europa que viaja de carro quando o time dele vai jogar fora da cidade onde ele mora. Se ele tiver que jogar numa cidade em que só for possível ir de avião, ele desfalca o time”.

“E você tem medo?”

“Olha, pra ser franco, nem sei se tenho. Ainda não tive oportunidade de experimentar. No dia que precisar viajar, aí sim vou saber se tenho medo ou não”.

A mulher ia dizer alguma coisa, mas, percebendo que o ônibus ia parar, colocou a cabeça para fora da janela. O ônibus estacionou junto a uma parada, a fim de apanhar alguns passageiros. Ela deteve-se ali à janela, atenta ao movimento fora do ônibus, enquanto o rapaz, reclinado na poltrona, fixava os olhos no dorso da poltrona à sua frente, parecendo inteiramente alheio à curiosidade da sua vizinha.

Os dois tinham interrompido a conversa que vinham mantendo desde que se viram postos um ao lado do outro naquele ônibus. Ele já a encontrou sentada na poltrona do lado da janela quando foi ocupar o seu lugar. Se cumprimentaram e, pouco depois de instalado na poltrona, a mulher queixou-se do forte calor, o rapaz fez coro com ela, mas ressaltando que a temperatura iria melhorar quando o ônibus se pusesse em movimento. E ela, logo depois, é de Natal? Não, de Recife. A senhora é de lá? Ela disse que mora-

perto, numa fazenda. E assim, um assunto puxando outro, seguiram taramelando até aquela interrupção.

Ela afastou-se da janela quando os passageiros entraram no ônibus. Com indisfarçável atenção olhou para uma mulher que usava um exótico chapéu e abriu um sorriso para o rapaz, depois que ela passou por eles.

De novo o ônibus corria pelo asfalto. Os dois retomaram a conversa e em dado a mulher quis saber o que o rapaz fazia.

“Estudo Medicina”.

“Tá perto de terminar?”

“Uns dois anos.”

“Pretende clinicar mesmo no Recife?”

“Ah, sim.”

“Sabe o que eu acho? Que para um médico recém-formado é muito mais negócio

v a uma cidade pequena, lá ele não vai enfrentar a concorrência que tem numa capital. Se for competente, dentro de poucos anos terá feito o seu pézinho-de-meia. Que é que você acha?”

“Acho que isso vale para o sujeito que encara a Medicina, para usar a mesma palavra que a senhora usou, como um negócio. Um grande negócio. (É claro que o dinheiro não deve ser desprezado. Ninguém vai trabalhar para morrer de fome.) Mas para aquele que quer exercer bem a Medicina é fundamental praticá-la numa cidade grande.”

De imediato ele pensou se não tinha sido muito veemente ao contestar a opinião da mulher, principalmente por enfatizar a palavra que ela empregara, e lhe pediu desculpa por defender o seu ponto de vista.

“Não tem nada que pedir desculpa (ela falou depois de endereçar ao rapaz um radiante sorriso, que tornou supérfluas as suas palavras). Eu só queria acrescentar que o médico não é obrigado a morar para sempre no interior. Bastam uns três a cinco anos, depois ele pode voltar para a capital.”

O rapaz ainda pensou em argumentar que não se acostumaria em uma cidade pequena, tendo nascido e se criado em Recife, mas achou melhor calar-se.

E de repente a chuva. Depressa a mulher fecha a janela, e quase simultaneamente se ouve o som de todas as janelas sendo fechadas. Logo um calor sufocante se instala. O rapaz vê a mulher abanar-se com um pedaço de papel e comenta o benefício do ar-condicionado num momento como aquele. Ela concorda e virando-se para a vidraça já embaçada pela água, acrescenta:

“Que chuva! Parece que o inverno vai começar mais cedo este ano. Tem chovido um bocadinho. Ontem falando com o meu marido, ele me disse que lá tem chovido todo dia”.

“Seu marido é criador de gado?”

“Não. Ele cria caprinos”.

“A senhora gosta de viver numa fazenda?”



Não sente falta da cidade?"

"De jeito nenhum. Já estou acostumada. A bem dizer me criei dentro de uma fazenda. E Natal fica tão perto. Com uma hora mais ou menos a gente está em Natal".

"Já eu não conseguiria passar três dias numa fazenda. Eu gosto é da cidade grande, daquela agitação toda, de multidões pelas ruas, das mil opções que sem tem para se distrair."

"É natural que você se sinta à vontade numa cidade grande, já que é tão jovem. Mas não sei se será o mesmo quando tiver a minha idade."

"Mas quê que é isso? A senhora se achando velha?"

Ela soltou um muxoxo e não disse uma palavra. Ele também calou-se, não convinha reafirmar a opinião sobre a idade dela, para evitar um mal-entendido. Aquela mulher, já calculara, devia ter entre trinta e seis e trinta e oito anos. No máximo. Uma ruga quase imperceptível em cada canto dos lábios, algumas mais visíveis sobre a testa, eis aí o mais forte sinal da passagem do tempo naquela mulher. Verdade que estava gorda, com um princípio de flacidez, mas ele atribuiu essa condição a um relaxamento no cuidado do corpo.

Embora forte, a chuva durou pouco. A mulher tentava abrir a janela, que parecia emperrada, sem ceder nem um pouquinho. Deixei ver se consigo, o rapaz se levantou e caminhou até à janela. Ao se juntar à mulher, ela não deve ter se afastado o suficiente para abrir-lhe passagem, porque uma perna do rapaz esbarrou nas pernas dela, e por uns poucos segundos houve o contato das três pernas, até que ela recolhesse as suas.

O rapaz curvou-se um pouco para abrir a janela, e sem muito esforço fez a vidraça correr para o outro lado. Talvez fosse mais uma questão de habilidade do que de força. Ao se abrir a janela, uma lufada de vento invadiu o ambiente, e com ela veio o cheiro da chuva de ainda há pouco.

De volta ao seu lugar, ele recostou-se na poltrona, abandonando-se à brisa que lhe acariciava o rosto, sentindo um cheirinho de chão molhado. Sentiu-se de repente sonolento, e não querendo resistir à modorra, até achando-a bem-vinda, fechou os olhos, mas não chegou a adormecer, pois a mulher voltou a falar.

"Só agora me lembrei de lhe perguntar se já escolheu a sua especialidade."

"Pediatria."

"Você fez uma excelente escolha. Tratar de criança. Que coisa boa. Pode até ser mais difícil do que lidar com adulto, mas é maravilhoso."

"A senhora tem muitos filhos?"

"Não tenho filhos."

Ao lhe perguntar, ele percebeu, a mulher ficou repentinamente triste, pela primeira vez durante a viagem. Calou-se e logo em seguida virou o rosto para a janela e ali ficou como se estivesse apreciando a paisagem. O rapaz então deu-se conta de que tocara num ponto vulnerável na mulher, capaz de deixá-la tão abalada assim de repente; e embora ponderasse ser-lhe impossível prever que a mulher se melindrasse com a pergunta, arrependeu-se de tê-la feito. Ela continuava com o rosto virado para a estrada. Ele, então, recostou-se outra vez na poltrona, disposto a recuperar o sono.

Foi no momento em que o rapaz não despertara de todo, ainda em luta contra um restinho de sono, que ele sentiu a cabeça pousada em algo que não conseguiu logo identificar. Com pouco, no entanto, à medida em que o sono ia desaparecendo e os sentidos iam despertando, ele, primeiramente, sentiu bem junto às narinas, como se aspirasse a própria mão, um resíduo de perfume, a que se juntava um ranço de suor; e em seguida ouviu bem próximo o respirar de uma pes-



soa. Só então percebeu que era sobre o colo da mulher que a sua cabeça estava pousada.

A primeira reação foi de vergonha, por expor a mulher a uma situação vexaminosa, a ela que certamente também adormecera, e depressa decidiu apartar-se dela; mas entre

o decidir e o realizar voltou atrás e ali ficou por mais alguns minutos. A tarde começava a cair, dentro do ônibus já estava um pouco escuro. E sentindo-se, talvez, protegido pela parca claridade, o rapaz, fingindo dormir, remexia muito a cabeça, para ora acomodá-la junto ao seio, ora ao outro. Da mulher continuava a ouvir um leve respirar, não sabia se ela estava dormindo ou desperta.

Ouviu, de repente, alguém dizer que já estavam bem perto de Natal. Incontinenti despartou-se da mulher, mas, para não encerrar de imediato o jogo da simulação, por uns dois minutos manteve os olhos fechados. Quando os abriu, passou os dedos por eles, chegou a pensar em distender os braços no gesto de se espreguiçar, depois desistiu. Só então resolveu encarar a mulher: ela o acolheu com um largo sorriso.

"Como você dormiu!"

Ele não disse nada. O queixo no chão com a reação dela. Nenhum sinal de vergonha, de embaraço, pela situação. Exceto aquele sorriso que ele não foi capaz de decifrar. Ele permaneceu calado, ela não voltou a falar. Dentro do ônibus a escuridão era agora total. Por algum tempo os dois ficaram em silêncio, até que, em dado momento, ela virou-se para ele e anunciou que já estavam em Natal.

Quando chegaram à Rodoviária, o rapaz, depois de pegar a sua bolsa no porta-bagagem, apanhou a da mulher, em seguida abriu passagem para ela. Vendo-a de pé, verificou que a mulher tinha uma boa estatura, sendo um pouco menor do que ele. Também lhe pareceu mais gorda, de calça comprida, as nádegas um tanto avultadas. Seguiu à frente dela, e, ao descender do ônibus, o marido a estava esperando. Ela o apresentou ao marido, esse moço foi seu companheiro de viagem, é estudante de Medicina. O homem o olhou com uma cara fechada, deu um grunhido à guisa de cumprimento e não apertou a mão que ele estendeu. Um tipo gordo, meão, rosto feio com traços indiáticos, com uma barba branca. Era bem mais velho do que a esposa, o rapaz calculou uns vinte anos, por aí. O rapaz despediu-se da mulher, mas dessa vez ignorou o marido, e se afastou para o interior da Rodoviária.

Primeiro foi ao banheiro, e, ao sair, procurou uma lanchonete. Enquanto aguardava o sanduíche ser preparado, distraía-se olhando para um dos lados. E então avistou a mulher passando com o marido, ela à frente, ele atrás carregando a mala. Fixou os olhos na mulher, na esperança de que se virasse e o visse; mas ela não se virou, e logo logo a sua imagem desapareceu no meio das pessoas que iam e vinham pelo local.

Francisco Sobreira, cearense/norte-rio-grandense, é contista e romancista.

Dois livros instigantes: Comunicação Alternativa e Vozes do Nordeste

Dorian Gray Caldas

Diz o poeta, “tenho conhecido rios ... profundos rios ... a minha alma tornou-se profunda como os rios”. O rio Amazonas é plural. Vastidão de rio e afluentes. Floresta. Nas suas margens, viveu e sobrevive o índio, o posseiro, o paraoara, o nativo. Desse amalgama de contrastes, temos a matéria viva do reino verde, “do inferno verde”, na expressão do escritor Peregrino Júnior, no seu livro “A Mata Submersa”.

As metamorfoses e contrastes da floresta permitem os mitos, as lendas, a vida mímica de suas águas. Sacralidade. O rio não é só um rio. Não é só um rio e seus afluentes, já dizia o poeta. Principalmente, se este rio é o Amazonas; a maior bacia fluvial do mundo; com sua floresta que cobre dois quintos da América do Sul. Um rio não é só um rio; ocupação, densidade, presença constante e desafiadora. A Amazônia é o desafio; a matéria que Pedro Vicente Costa Sobrinho estuda e nos apresenta neste livro: **COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA e Movimentos na Amazônia Ocidental**, a comunicação alternativa, tema de mestrado, ampliado e acessível à leitura na “riqueza de suas análises”, na observação do mestre ensaísta Celso Furtado. Obra erudita e documental, denunciadora, vibrante como uma seta ao alvo exposta. Exposição formatizada, compromisso com a verdade histórica, na abrangência de seus estudos comparativos e nas constatações verídicas. Livro irrecusável a tantos; a todos os brasileiros com sentimentos de justiça e solidariedade. Diz Sebastião Vila Nova, sociólogo e ensaísta: “Não me surpreende como não surpreende ninguém que conheça sua inteligência aguda e sua sensibilidade”, este livro.

Pedro Vicente Costa Sobrinho é sociólogo, pós-graduado em Economia Rural (UFAC) e Ciências Sociais (PUC-SP), Doutor em Ciências da Comunicação (ECA – USP), Professor da Faculdade Federal do Acre. Foi Diretor do SESC e SENAC. Preside a Federação Norte Nordeste de Cineclubes e a Associação dos Sociólogos do RN. Professor da UFRN. Dirigiu gráficas, editoras e jornais. Sócio efetivo do Instituto Histórico Geográfico do RN. Autor dos livros *Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental*. Edição Cortez. *Reflexões sobre a desintegração do Comunismo Soviético e Exercícios Circunstanciais*. Ed. Coivara.

O autor transita com facilidade pelas artes plásticas, cinema, sociologia política, gastronomia (tem um livro pronto sobre este assunto), literatura. Na concepção de Yatsuda, ele é “um intelectual preso aos temas e às circunstâncias”. No livro *Comunicação Alternativa e Movimentos Sociais na Amazônia Ocidental* o autor põe em relevo os conflitos “a expansão da frente agropastoril na direção à fronteira ocidental”; a geopolítica da ocupação acriana; a igreja do Acre e Purus, a *Imprensa Nacional*; *Nós irmãos*; *Tribuna do Povo de Deus*, *Varadouro*, o *Jornal das Selvas*. Considerações, notas, com vasta documentação, notadamente dos anos 71 a 81. Pedro Vicente

Costa Sobrinho chama a atenção para a ameaça da destruição da floresta acreana; para a impressionante cifra e terras brasileiras vendidas e transferidas para grupos estrangeiros. **Este interesse neste imenso vazio demográfico que desperta a atenção com possível área de reserva**, conforme revelação da SUDAN.

A ação da igreja do Acre elege um povo de Deus chamando-o para “responsabilidades sociais” a serem assumidas, vivenciadas e partilhadas, em busca de soluções à preservação da dignidade do homem.

Chama a atenção no texto de Pedro Vicente Costa Sobrinho as aberturas dos capítulos com texto, epígrafes poéticas; pausa a consecução das análises e das informações maciças intertextualizadas pelo vigor do estilo e a eloquência da palavra. É um escritor múltiplo, versátil, “plural como o universo”, confirma Marcus Accioly citando o poeta Fernando Pessoa.

O livro de Pedro Vicente Costa Sobrinho denuncia e dá fé através das entrevistas, boletins, ensaios, documentos hábeis, assim como *Varadouro*, *Jornal das Selvas*, documental e útil e *Nós Irmãos*, *Tribuna do Povo de Deus* e de documentos da *Imprensa Nacional*; os constantes conflitos e as vicissitudes dos anos 70, na região na qual viveu o autor estas questões ambientais, formulando toda uma teoria para o modelo do desenvolvimento do Acre.

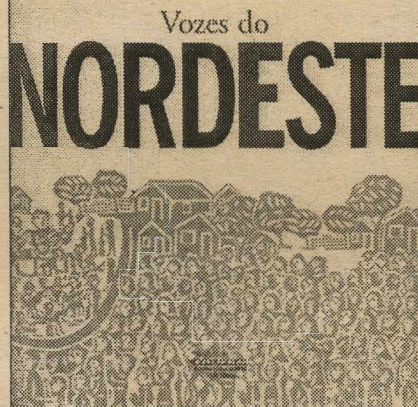
Contribuição inequívoca, vigorosa, lúcida, necessária, à visão histórica e social desta região conflitada. Avaliação socioeconômica, humana e justa, que releva os valores eternos do homem.

Esta noite é de grande importância para as letras e a cultura. Nós, os nordestinados, temos a grande tarefa de manter sempre viva nossa inequívoca presença no processo cultural e nas letras, na arte e na poesia em nível nacional. O livro *Comunicação Alternativa e Movimentos Sociais na Amazônia Ocidental* e o livro *Vozes do Nordeste*, de Pedro Vicente Costa Sobrinho, em parceria com Nelson Ferreira Patriota Neto é um livro de resgate e contribuição sobre ensaios e poesias e

fixação de escritores nordestinos pela visão de suas obras que exprimem na opinião do escritor Franklin Jorge, “o trabalho intelectual de gerações de pensadores e criadores aqui tratados com a suficiência do especialista e a sensibilidade do criador que todos são, no empenho e no cuidado com que se debruçam sobre uma temática reveladora da nossa nacionalidade”.

Somos os contemplados. As obras aqui estão. Tarefa cumprida. Um rio não é só um rio. Um livro não é só um livro; acompanha-o sempre a alma do seu autor e o sonho.

Organização de Pedro Vicente Costa Sobrinho e Nelson Ferreira Patriota Neto



“Vozes do Nordeste” é um livro de resgate e contribuição sobre ensaios e poesias e fixação de escritores nordestinos, pela visão de suas obras, que exprimem o trabalho de gerações de pensadores”

Discurso proferido por Dorian Gray Caldas no dia 8 de julho passado, no Centro Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa.

Dorian Gray Caldas, norte-rio-grandense, é poeta, crítico e artista plástico.

Bienal presta homenagem a Vingt-Un e Walter Pereira

Nelson Patriota

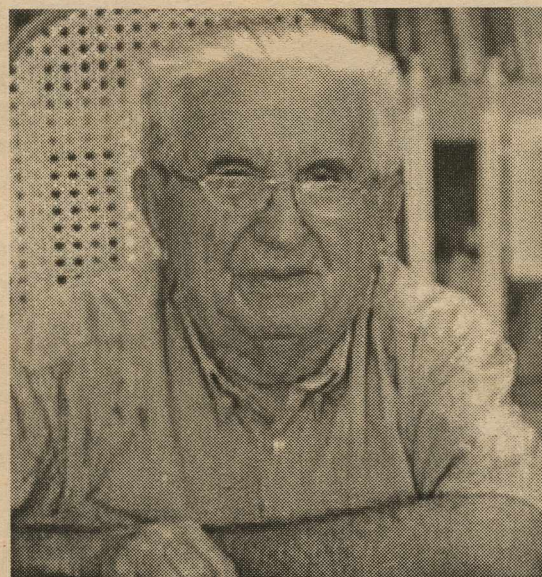
Será com as atenções voltadas para o importante trabalho realizado pelo livreiro Vingt-Un Rosado que será aberta, neste dia 9 de setembro, às 10h30, no Auditório da Reitoria da UFRN, a I Bienal Nacional do Livro do Rio Grande do Norte. Ao livreiro mossoroense será dedicada uma mesa-redonda que terá coordenação do escritor Tarcísio Gurgel e participação do pesquisador e historiador Olavo Medeiros Filho, do etnólogo Oswaldo Lamartine, dos professores José Lacerda Alves, Ernani Rosado, Brasília Machado e João Batista Cascudo Rodrigues. A cada um desses estudiosos será reservado um diferencial da vida ou da obra de Vingt-Un, personalidade cultural múltipla, conhecida e admirada nacionalmente pela criação da Escola Superior de Agronomia de Mossoró e da Coleção Mossoroense.

Às 10h do dia 12, no auditório da Biblioteca Central Zila Mamede, acontecerá a homenagem ao livreiro Walter Duarte Pereira, que terá a coordenação do escritor Enélio Petrovich e participação do artista plástico e poeta Dorian Gray Caldas, do governador Garibaldi Alves Filho, dos professores Tarcísio Gurgel, Ivan Maciel e Paulo de Tarso Correia de Melo, e do jornalista João Ururahy. O evento focalizará o trabalho pioneiro de Walter Pereira na área editorial e livreira no estado.

Longe de prender-se ao regional, a Bienal voltará suas atenções ainda para três centenários: o da grande poesia de Carlos Drummond de Andrade, do legado historiográfico de Sérgio Buarque de Holanda e do livro "Os Sertões", de Euclides da Cunha. O primeiro será objeto de uma mesa-redonda, às 15h do dia 10, no auditório da Biblioteca Central Zila Mamede, reunindo em seu entorno os professores José Linhares Filho (UFC), Afonso Henrique Fávero (UFRN), o poeta e professor Gilberto Mendonça Teles (UFRJ), sob a coordenação do poeta Márcio de Lima Dantas (UFRN). A mesa-redonda "A ciência e a literatura em *Os Sertões* de Euclides da Cunha" (dia 9, às 15, na Biblioteca Central Zila Mamede) reunirá o romancista Claudio Aguiar e os professores Valentim Faccioli (USP) e José Carlos Santana (UEFS/BA) com coordenação do

professor Marco Falchero (UFRN). A mesa-redonda "Sérgio Buarque de Holanda e a redescoberta do Brasil" (dia 11, às 15h, na Biblioteca Central Zila Mamede) terá a participação de Francisco Alambert (USP), Ourival Holanda (UFPE) e Raimundo Arraes (UFRN), sob a coordenação de Almir Bueno (UFRN).

Mais três mesas-redondas animarão a Bienal. A primeira, intitulada "O ficcionista e o poeta: o criador e os seus personagens" colocará os romancistas Raimundo Carrero, Francisco J. C. Dantas e Fernando Monteiro face à face diante das complexas questões que envolvem a criação poética e ficcional. A coordenação será do professor Carlos Newton Júnior, da UFRN.



As grandes realizações culturais de Vingt-Un Rosado, dentre as quais se destacam a Coleção Mossoroense e a fundação da Escola Superior de Agronomia de Mossoró, serão destaque na abertura da I Bienal do RN

Os oitenta anos da revolucionária Semana de Arte Moderna não passarão despercebidos. Seus ecos que repercutiram fortemente no Rio Grande do Norte, através da amizade que uniu o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo ao modernista Mário de Andrade, serão tema da mesa-redonda "80 anos da Semana de Arte Moderna: um balanço histórico e crítico". Os responsáveis por essa tarefa serão os professores Antônio Carlos Secchim (UFRJ), Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN) e Ruy

Espinheira Filho (UFBA). A coordenação será do jornalista Vicente Serejo (UFRN).

Dia 13, às 8h, no auditório da Reitoria, acontecerá a mesa-redonda "A formação do leitor por muitos caminhos: poesia e prosa". Participarão Marly Amarilha (UFRN) e Glória Kirinus (PUC/PR). A coordenação será de Lucila Bezerra Q. da Cruz (UFRN).

O modernismo de Gilberto Freyre será tema de conferência de Edson Nery da Fonseca, no dia 11, às 10h, na Biblioteca Central Z. Mamede. Os debatedores serão os jornalistas Vicente Serejo e Nelson Patriota.

Lançamentos da I Bienal Nacional do Livro do RN

"Caldeirão" (ficção)

Claudio Aguiar. Editora Calibán - RJ

"Ciência e Arte: Euclides

da Cunha e as Ciências Naturais"

José Carlos Santana. Huicitec, SP.

"O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina"

José Carlos Santana. Cia. das Letras, SP.

"Um Defunto Estrambótico" (ensaio)

Valentim Faccioli. Editora Nankim, SP.

"O Grau Graumann" (romance)

Fernando Monteiro. Editora Globo, RJ.

"Sombra Severa" (romance)

Raimundo Carrero. Editora Iluminuras, RJ.

"Coivara da Memória" (romance)

Francisco J. C. Dantas. Estação Liberdade, RJ.

"Cartilha do Silêncio" (romance)

Francisco J. C. Dantas. Estação Liberdade, RJ.

"Guia de Redação e Estilo" (estilística)

Gibson Antunes. Fundação Demócrito Rocha, CE.

"Tumulto de Amor e Outros Tumultos" -

(ensaio) - Ruy Espinheira Filho. Editora Record, RJ.

"A Mulher Brasileira - Direitos Políticos

e Cívicos" (Direito) - João Batista Cascudo Rodrigues.

"O Amor e Outros Aspectos em Drummond"

(ensaio) José Linhares Filho. Edições UFC.

"Vanguarda Européia e Modernismo

Brasileiro". Gilberto Mendonça Teles. Ed. Vozes, RJ.

"Escrituração da escrita" (ensaio)

Gilberto Mendonça Teles. Editora Vozes, RJ.

Revista Calibán - Editora Calibán, RJ.

"Vozes do Nordeste" - (ensaios)

Pedro Vicente C. Sobrinho e Nelson Patriota. Edufrn.

"Tempo de Contar".

Pedro Coelho. Editora da UFRN-Edufrn.

"Diálogo e Conflito: a presença de Paulo Freire

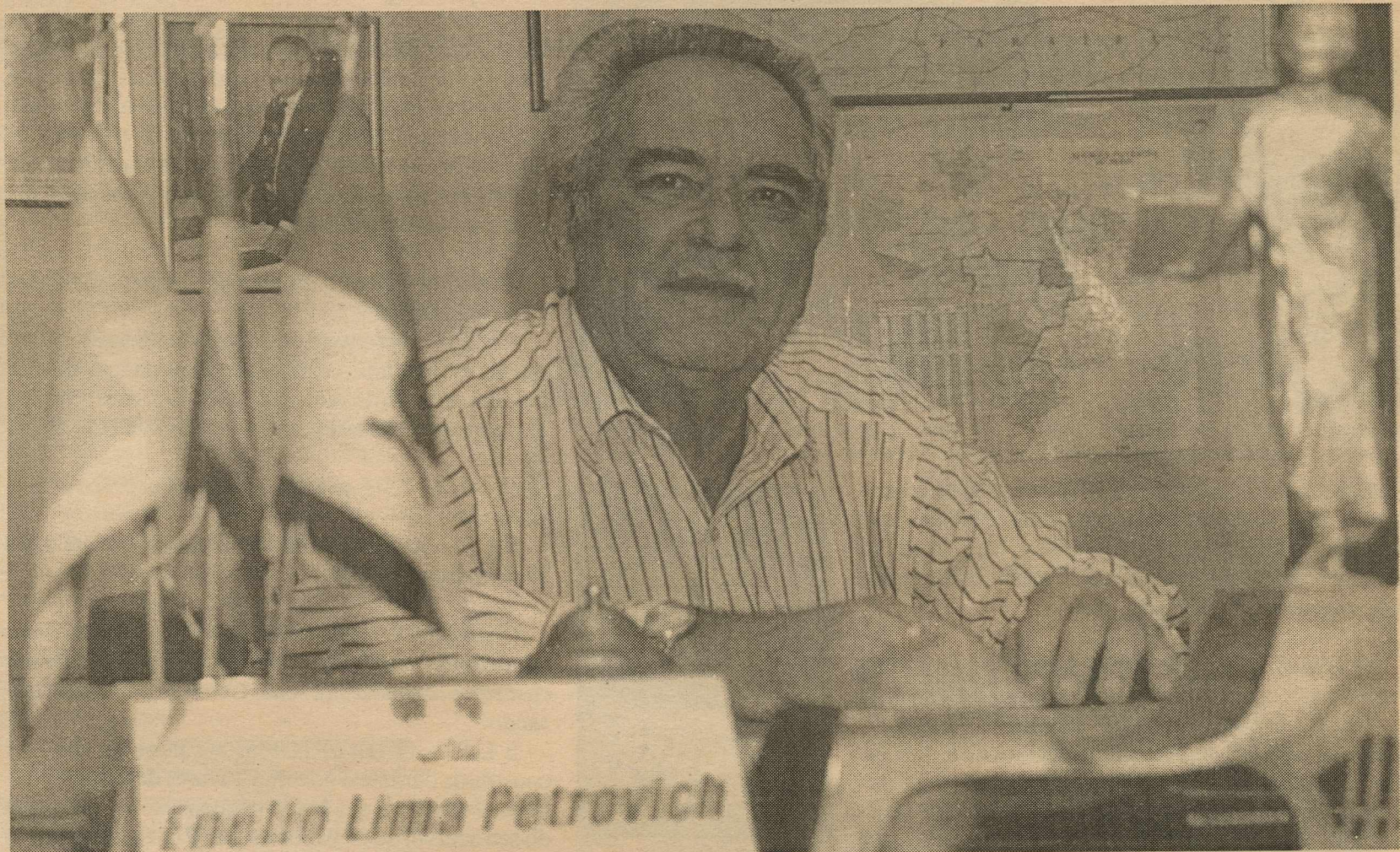
na formação do sindicalismo docente"

Ana Maria do Vale. Editora Vozes, RJ.

Nelson Patriota é editor do jornal cultural O Galo e assessor de imprensa da UFRN.

Labim/UFRN

Enélio Petrovich



O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IGH/RN, chega a seu centenário com uma pauta de eventos comemorativos que inclui lançamentos de livros dentro da sua Coleção Cultura, com destaque para a série “O Livro das Velhas Figuras”, de Luís da Câmara Cascudo, sessões extraordinárias para posse de novos sócios efetivos e sócios correspondentes, inauguração do acervo do anexo da instituição e a reurbanização do seu largo lateral, onde ficará afixada a controversa coluna capitolina. Na entrevista que segue abaixo, o presidente do IHG/RN, Enélio Lima Petrovich, explica cada um desses eventos, discorre sobre sua atuação à frente dessa instituição centenária e que é também a mais antiga em atividade no Rio Grande do Norte, conta um pouco de sua história e fala sobre sua sucessão. Enélio fala ainda do seu novo livro, “No Correr do Tempo”, conjunto de crônicas que publicou na imprensa norte-rio-grandense na década de 1990.

Nelson Oatriota

O GALO – O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IHG/RN, está comemorando este ano 100 anos de existência, com o mérito de ser a mais antiga instituição cultural em atividade no Estado. Como surgiu e o que significa esse Instituto para a vida cultural norte-rio-grandense?

ENÉLIO LIMA PETROVICH – Como você disse, o IHG/RN é a mais antiga entidade cultural do Estado. Foi fundado em 29 de

março de 1902 por uma plêiade de intelectuais, tendo à frente Vicente Simões Pereira de Lemos, ex-governadores de Estado como Tavares de Lira, Alberto Maranhão, Pedro Velho, Ferreira Chaves, Antônio de Souza, e representa para o Estado uma grande contribuição cultural. Nasceu graças à questão de Grossos de limite entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. E com a documentação que foi coligida e reunida, criou-se a entidade, que vem prestando relevantes serviços ao



Estudantes de todas as classes costumam realizar trabalhos de pesquisa nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Estado em todas as áreas: sob o ponto de vista educacional, aos estudantes secundários e universitários, que vêm aqui pesquisar para fazer suas pesquisas. Aqui está armazenado o maior acervo de livros e documentos relativos ao Rio Grande do Norte.

O GALO – De que forma o ING/RN está celebrando seu centenário?

E.L.P. – Desde o primeiro dia de 2002 vem realizando promoções culturais, lançamentos de livros, palestras, culminando com a data de 29 de abril que foi escolhida para comemorar o centenário do Instituto. Pontos altos das comemorações são os concursos que estamos promovendo: Concurso Rodolfo Garcia para o melhor trabalho sobre homens de letras nascidos no RN; Vicente Lemos para o melhor trabalho sobre a fundação e trajetória do IHG/RN; Dom Marcolino Dantas para a melhor pesquisa sobre a vida e a obra de padre João Maria; e prêmio Nestor Lima sobre a vida e a obra do fundador do IHG/RN Vicente Simões Pereira de Lemos. Outro evento comemorativo foi a posse, no dia 19 de abril, de Agacieli da Silva Maia, que é diretor geral do Senado Federal. No dia 12 de setembro, também como parte das comemorações dos 100 anos do Instituto, teremos o lançamento do livro “Ascendino Leite – Escritor Existencial” (ensaio biográfico), de autoria de Joacil de Britto Pereira, presidente da Academia Paraibana de Letras, ambos sócios-correspondentes do nosso Instituto. Na oportunidade, também tomará posse como sócio efetivo o jornalista e escritor João Batista Machado. Ainda no final de setembro próximo, estaremos inaugurando o Largo Vicente de Lemos, totalmente restaurado onde será afixada a coluna capitolina, presente de Mussolini e que é um marco histórico, atendendo a pedido do Conselho Estadual de Cultura e do próprio Instituto, com o apoio da Prefeitura Municipal de Natal, que executa a obra.



Neste novo livro, reunindo colaborações semanais para o jornal Tribuna do Norte, no período que vai de 1990 a 1996, Enélio Petrovich se prendeu aos limites tradicionais da crônica: seu caráter transitório e individual. São fixações de momentos ou, em outros casos, retomadas de velhos motivos. Neste universo, enquadram-se as peças memorialísticas e laudatórias, como nas crônicas “Im memoriam do Mestre Cascudo” e “Im Memoriam de Manoel Rodrigues de Melo”, tema recorrente em Enélio esse de lembrar amigos queridos que deixaram uma marca profunda na vida cultural da Cidade. Outras crônicas se reportam a acontecimentos do cotidiano. Fica evidente a preocupação do autor em deixar sua visão dos acontecimentos à sua volta, mesmo os mais simples, como o registro sobre um carnaval assistido na praia da Redinha ou uma sessão solene no IHG/RN, que preside.

O Galo – Como será o novo largo?

E.L.P. – O novo largo, localizado ao lado da sede do Instituto, constará de um palco, pinacoteca com obras de artistas potiguaras, bancos à moda belle époque, jardinagem, doze luminárias focalizando o prédio do Instituto em estilo neoclássico e a própria coluna capitolina. Deverá se transformar num ponto de encontro para lançamentos de livros, exposições, apresentação de corais, danças etc. Com um detalhe: o largo ficará aberto ao público diariamente das 7h às 18h, fechando após esse horário, a fim de garantir a integridade do patrimônio ali existente. A intenção é que venha a se tornar mais um ponto de encontro de intelectuais, artistas e público em geral. Achaamos que se prestará especialmente para lançamentos de livros e vernissages de artes plásticas.

O GALO – Qual o objetivo dos concursos a que você se referiu?

E.L.P. – O objetivo é estimular a realização de pesquisas e trabalhos sobre as personalidades que dão nome a cada um dos concursos, todos nomes relevantes na vida intelectual e política do Rio Grande do Norte.

O GALO – Até quando prosseguem essas comemorações?

E.L.P. – As comemorações prosseguem até o dia 29 de março de 2003.

O GALO – O IHG/RN recebeu recentemente uma importante contribuição sob a forma de doação um casarão próximo à sua sede. Como se deu essa transação?

E.L.P. – O IHG/RN tem a sua sede, que foi construída durante o governo Tavares de Lira. No entanto, é uma sede que hoje é pequena para a dimensão do seu acervo, que é valiosíssimo. Por isso, tivemos a idéia, há uns três anos, de adquirir uma casa próxima do Instituto, para abrigar um anexo desse Instituto, e abrigar bibliotecas e servir de museu, pinacoteca etc. Amadurecemos essa idéia e a concretizamos. Primeiramente, houve um óbice. Fizemos um projeto e encaminhamos ao órgão que regulamenta a Lei de Cultura Câmara Cascudo. O projeto foi aprovado. Daí o enviamos a uma telefônica local para captação dos recursos e essa empresa nos recebeu com muita solicitude. Mas o tempo passou e nada foi resolvido. Um belo dia, a dona do imóvel, a jornalista Ana Angélica Timbó de Oliveira, que para nós já é benemerita – teve um gesto inusitado. Chegou para nós e nos disse que não iria mais esperar pelo apoio financeiro da telefônica local. E anunciou que iria doar ao instituto o imóvel de sua propriedade localizado na Rua da Conceição, n. 623, em frente ao nosso Instituto. Fiquei surpreso com o gesto dela, porque não é comum que uma pessoa doe um imóvel no valor de R\$ 90 mil! Fomos ao cartório, regularizamos a transferência do imóvel para o Instituto e finalmente a casa está aí, ao lado do Instituto, prestando serviço à cultura do nosso Estado.

O GALO – Que coisas podem ser vistas nesse

anexo?

E.L.P. – Entre outras coisas, pode-se ver a biblioteca de Paulo Bittencourt, parte da biblioteca paraibana, a legislação do Império da e da República e o Memorial Oriano de Almeida, que comporta partituras, manuscritos, CDs, discos, diplomas e condecorações que Oriano recebeu na sua brilhante carreira musical, consagrado como um dos maiores intérpretes de Chopin do seu tempo. Sócio do IHG/RN, ele doou esse objetos e como são coisas valiosas do ponto vista cultural, foram escolhidos para inaugurar o anexo do nosso Instituto.

O GALO – Além de dirigir o IHG/RN, você desenvolve atividades advocatícias e literárias e está lançando um novo livro. De que trata você nesse novo trabalho?

E.L.P. – Reuni crônicas que escrevi durante vários anos na Tribuna do Norte, na República, no jornal A Verdade, veículo da Fundação padre João Maria, e algo mais que publiquei no Diário de Natal. Achei por bem, nesse limiar da vida, já sexagenário, reunir essas crônicas de viagens, de encontros com escritores e amigos, prefácios que escrevi ao longo dos anos etc. É um projeto para vários livros, o primeiro dos quais sai agora em setembro com o título de “No correr do tempo”. Nesse volume, aproveitei apenas crônicas que escrevi para a Tribuna do Norte, tratando de variados assuntos. O livro tem orelhas de Mário Moacir Porto e prefácio de Evaristo de Moraes Filho, da Academia Brasileira de letras. Em seguida devo lançar “Reflexões, Direito e Justiça”, que são comentários no âmbito profissional, sobretudo no direito previdenciário, textos que refletem minha vivência como advogado da área previdenciária desde 1960. O livro tem orelha de Ives Gandra, mestre do Direito, e prefácio de José Dantas, nosso conterrâneo no Superior Tribunal de Justiça. Esse livro deve sair até o fim do ano. Para o ano que vem espero lançar “Prefácios e Apresentações” que, como o próprio título diz, trata dos mais de 80 prefácios e apresentações que escrevi para igual número de livros. Tem ainda um quarto volume em vista, que terá o nome de “Passagens e Paisagens”, comentários publicados em vários jornais de minhas viagens tanto as que fiz por todo o Brasil, como as que fiz ao exterior. Este terá capa de Dorian Gray Caldas, nosso querido confrade.

O GALO – Na sua gestão, o Instituto vem publicando sob a rubrica “Coleção Cultura”, uma série de obras de valor histórico e literário de autores norte-rio-grandenses. Sobressai aí a série “O Livro das Velhas Figuras”, reunindo crônicas que Luís da Câmara Cascudo deixou na imprensa do Estado. Saiu recentemente, em parceria com a editora da UFRN, o volume oitavo dessa série. Quantos mais sairão pela Coleção Cultura, até que ela seja concluída?

E.L.P. – Um pequeno retrospecto: essa idéia nasceu com o próprio Mestre Câmara Cascudo. Eu indo à casa dele, como ia toda semana, para visitá-lo, trocar idéias, colher conhecimentos, eu dizia: “Mestre, vamos reunir as atas diurnas suas para publicar em livro”. Ele disse: “Vamos”. Naquela época, existia o Conselho Federal de Cultural que apoiava financeiramente o Instituto. Pedi que ele sugerisse o título. E ali na hora ele falou: “O Livro das Velhas Figuras”. Aí começamos a publicá-los, já tendo saído sete volumes, com a ressalva de que o sétimo, que já deveria ter saído pelo Sebo Vermelho, está atrasado. Mas o editor do Sebo Vermelho, Abimael Silva, me garantiu que agora para setembro o livro estará pronto, enquanto a Editora da UFRN, através do professor Pedro Vicente, havia recebido os originais do oitavo volume para publicação depois do sétimo ter sido entregue ao Sebo Vermelho, antecipou-se a esse sebo. Conclusão, saiu primeiro o oitavo. Os volumes nove e dez estão na grá-

fica da Coleção Mossoroense e serão editados ainda este ano. Quanto ao restante, se eu publicar todas as atas diurnas de Cascudo, serão necessários cerca de 40 volumes. Queira Deus que isso ocorra...

O GALO – O IHG/RN recebe alguma espécie de subsídio financeiro regular para bancar suas atividades culturais?

E.L.P. – Sempre que pedimos, temos uma colaboração mínima mas útil da Prefeitura do Natal em tarefas como a catalogação de livros, restauração de documentos, encadernação etc. Em contrapartida, permitimos que alunos e professoras das escolas municipais venham aqui e realizem as pesquisas que acharem convenientes. Essa parceria, firmada na gestão da prefeita Wilma Faria, obriga que a Prefeitura repasse mensalmente ao Instituto a quantia de R\$ 1.500,00. Quanto ao governo do Estado, eventualmente ele tem nos ajudado autorizando a publicação da nossa revista, permitindo serviços gerais na sede própria e no anexo.

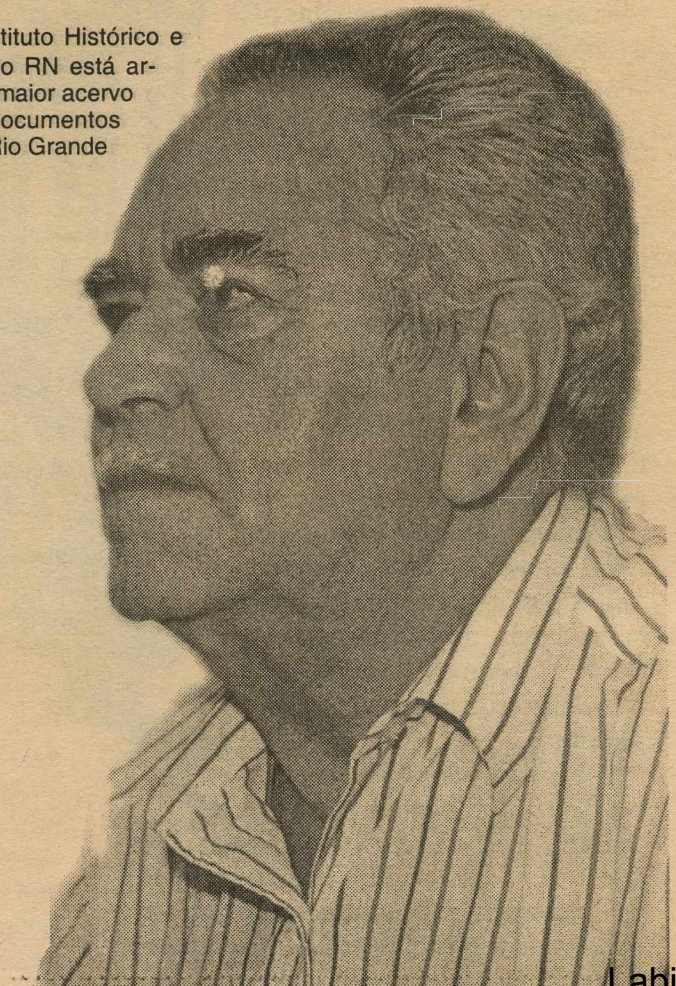
O GALO – Há quantos anos você dirige o Instituto?

E.L.P. – Estou na presidência do Instituto desde agosto de 1963. É um cargo não remunerável e que requer tão-somente abnegação como também vontade de realizar algo em prol da cultura norte-rio-grandense, não deixando, nos longos passos já percorridos há quase 40 anos, no esquecimento a memória dos dignitários do saber e da erudição, a exemplo de um Câmara Cascudo, Nestor Lima, Tavares de Lira, Vicente de Lemos, Manoel Rodrigues de Melo e tantos outros.

O GALO – E quanto ao futuro do Instituto?

E.L.P. – Quanto ao futuro, a Deus pertence. Não podemos antecipar nem prever. Mas o certo é que, com apoio de todos os sócios, estamos realizando um importante serviço no plano cultural, projetando a casa da memória norte-rio-grandense, aqui e alhures.

“Aqui no Instituto Histórico e Geográfico do RN está armazenado o maior acervo de livros e documentos relativos ao Rio Grande do Norte”.



A Mansão

Adriano Gray Caldas

Escuro. As casas do bairro são como espectros, de uma forma meio indefinida, sombria, com suas chaminés e telhados se misturando com a noite mítica. O que se pode esperar de uma sensação como esta? Ou será que já não vivemos em um absurdo cotidiano, do qual um sonho não é mero refúgio, uma ilha, um isolamento tácito?

Existem momentos que nos libertam, tais como epifanias, o espírito reconhece a sua importância e se desloca para longe, não nos isolamos de todo, mas estamos fora de qualquer perigo, tudo é pleno, mas sentimos interiormente.

Começo minha caminhada noturna por um dos bairros antigos da cidade, que anteriormente pertencia à mais alta nobreza, mas que hoje consiste em um amontoado de mansões arruinadas, enegrecidas pelo tempo, e completamente abandonadas.

Gosto destes lugares, as sombras misturam-se, assemelham-se a velhos conhecidos meus, são personagens que certamente já conheci antes, ou que algum dia vou reencontrar. Há uma árvore na esquina, junto a uma bela mansão de estilo francês, que reflete isso, possui as propriedades da árvore ancestral, do qual os velhos xamãs iam se encontrar em seus vãos espirituais, nos momentos de transe.

Por um momento, volto-me para a mansão, que, sem dúvida, era a mais fantasmagórica de todas as demais casas da rua, devido ao seu estilo antigo e monumental, que parecia me transportar a um outro tempo e local.

De início, não consegui compreender bem o que acontecia, parecia que ouvia vozes surdas, ligeiramente distorcidas, vindo de algum dos pavimentos da casa, junto com uma luz fraca que persistia em banhar a escada frontal quase até onde me encontrava na calçada.

A minha consciência então se desvanece, a mistura de sons e a pálida luz desnorreia-me, assemelhando-se a um líquido escuro, que pe-

netra na terra e por ela é absorvido. Desta vez, as sombras confundem-se com a luz e consigo delinear claramente os primeiros degraus da escada.

Seguindo o fecho de luz, ele me leva, através de uma escada elíptica, ao segundo andar do edifício, que assemelha-se tão conhecido em algum recanto da minha mente, como completamente distante agora, com sua fachada disforme, quase imperceptível, indefinida.

Continuo seguindo a luz e encontro-me com uma varanda envidraçada, larga, sua luminosidade é tão forte que me espanta ter visto apenas um pequeno filete outrora lá embaixo, nas escadas.

O som surdo abafado das pessoas lá dentro me atinge como uma lufada de vento, quando uma das portas é aberta. O som de pessoas divertindo-se,

conversando, cantando, rindo, em um som alegre e envolvente. Tudo naquele ambiente parece ser eterno, como se a imagem da felicidade e loucura, todo o glamour de uma época, pudesse ser eternizada ali, naquele casarão assombrado.

O contraste do escuro, do aspecto sombrio, mas estranhamente suportável do lado de fora com a luz e a felicidade contagiante das pessoas dentro do pequeno *bistrô*, é evidente. Sinto-me tão pleno naquele momento que toda a percepção sensorial é ampliada, todos os sons ressoam dentro de mim mil vezes.

A música vem de todas as partes, não é possível identificar se há realmente alguém



cantando, tocando algum instrumento ou se a alegre energia dos presentes se fez música para mim, naquele momento. Tudo recendia, e soava claro; os copos batendo, os risos e olhares, o murmurinho de vozes, o torvelinho de faces, atitudes de alegria e gestos dos presentes.

O maître indica-me uma mesa, sento e fico aparentemente esperando por alguém. Enquanto isso, procuro observar as pessoas, como estão vestidas, a maneira como agem e o porquê de estarem ali, naquele lugar tão improvável, em cima de uma *maison ancienne* e afastada de toda a realidade.

Penso no que estaria por baixo daquele animado vão de luz, em que vazio escuro não estava suspensa, como que flutuando no vácuo de forma indefinida, ou quem sabe amparado por fantasmas, espectros noturnos que vagam pelas bases imemoriais da casa, como que procurando de todas as formas ascender a um nível superior, de radiância e significado que há muito já não representa nada para eles, mas que continuam buscando, por um mero impulso, a imbecil teimosia dos que continuam, quando mais ninguém espera nada deles.

Tudo dura o momento de um flash, minha consciência é vivificada e retorna para a racionalidade, a fria racionalidade cartesiana da vida. O sonho é desvanecido. As dobras de seu manto são despregadas na noite, e sua imagem desaparece. O que resta daquela bela *maison*?

Minha memória consubstancia-se em palavras, mas as palavras, como já disse o poeta são enganadoras. Nada vale mais do que a experiência, do sentir o momento, a imagem da mente roda seu filme imaginário, tão límpido e real que chego a duvidar se existe de fato. Este sentir do sonho se enraizou na minha alma desde a infância.

Sigo o meu caminho pela lúgubre noite, as ruas ainda descarnadas de encanto, miseráveis, sombrias. Volto para casa um pouco triste, pela melancolia do retorno ao mundo físico, material, longe de toda aquela fantasia que me estarrecera e maravilhara, daqueles seres felizes, desconhecidos de uma época de luz.

Mas, de alguma forma, estou confortado pela experiência e por saber que posso enfim pertencer a este mundo, do qual tenha algum sentido. Acho mesmo agora que é esta visão o que me liberta, ou para onde irei qualquer dia. Por mais que sofra, por mais que lute interiormente por achar uma saída, ou um sentido, ninguém poderá me tirar isso. É tudo o que tenho.

Adriano Gray Caldas, norte-rio-grandense, é poeta e ficcionista.

O Excêntrico

Ubiratan Queiroz

Era um cidadão manso e ordeiro, comerciante honesto e bom.

Como a maioria de seus pares de então, honrado a mais não se fazer necessário. Ordeiro, aliás, o era até o momento em que não iniciava uma de suas carraspanas; e manso o fora até o dia em que, circunstancialmente, em meio ao burburinho da feira livre da cidadezinha, se estabeleceu aquele quiproquó, motivado pelo desentendimento entre dois beberões, que, após breve troca de sopapos, um deles saca de uma velha pistola e, talvez mais como presepada de bêbado, faz um disparo a esmo, colocando em polvorosa toda a pequena população de São Miguel do Pé da Serra. Zé Furdúncio, que se encontrava nas proximidades, e sendo um tipo de sertanejo de físico algo avantajado, não encontrou maiores dificuldades para dominar o fanfarrão e tomar-lhe a velha arma.

O nosso "causo" se encerraria por aí, com o meliante sendo entregue à polícia e indo curtir sua cachaça no xilindró, se o episódio não tivesse fomentado desdobramentos. Quando ouvirem os senhores de algum indivíduo cheio de empáfia e filosofices, que *ele é ele e mais suas circunstâncias*, podem acreditar que estarão ouvindo um punhado de certezas. O fato é que, o Zé, com a facanha praticada e ajudado pelo disse-me-disse do populacho, ganhou fumos de valentão, pôs na cabeça que era mesmo "brabo" e, quando tomava seus pileques, enchia-se de vontade de aprontar arruaças. Felizmente que seu espírito de arruaçeiro só baixava com a ajuda etflica, o que, a bem da verdade, só ocorria muito esporadicamente. Contudo, quan-



do se dava o sortilégio, ou seja, quando as coisas confluíam para Zé Furdúncio tomar um porre, a cidade inteira ficava com os nervos em pandarecos.

De arma na cintura, após encher a cara em seu próprio estabelecimento, saía em périplo fazendo e acontecendo. O quase nulo policiamento existente, bem pouco intercedia, motivo que muito incentivava aquelas façanhas. Tiros para o alto, afrontamentos às pessoas, ligeiras discussões, correrias, etc, faziam parte do espetáculo. Entretanto, após todas essas contendas, para felicidade de quase todos, se costumava contabilizar algum prejuízo de ordem material, assumido pelo promotor da bagunça, como componente da ressaca.

Naquele domingo, o intrépido Zé amanheceu um tanto quanto atravessado de condu-

ta. Era dia de missa, seguida de batizado na igreja local. O homem, após tomar umas e outras, resolveu, ordenando para a esposa: naquele dia fariam o batismo do pequeno rebento, nascido há cerca de um mês. A coisa decidida assim de afogadilho causou certa surpresa à pobre mulher, que ainda procurou argumentar em contrário. Logo, contudo, calou-se ao perceber o marido apilecado, estado no qual inútil, e até mesmo temerário, seria discutir suas decisões.

E começou-se com a azáfama no providenciamento das coisas, afinal a cerimônia se daria às onze horas. Já o relógio da matriz badalava nove vezes. Àquela altura o Zé já pedira a benção à Nossa Senhora da Botelha em pelo menos três boas talagadas e continuava mirando a garrafa, com ares de quem tirara o dia para a prática da devoção. A verdade é que, na hora de levar a filha à pia batismal, o homem já puxava um fogo tal que, seria necessária muita água benta para serená-lo.

Na hora da cerimônia, todos a postos, a natural circunspeção dos padrinhos arranjados às pressas, após o padre perguntar o nome da criança, Zé Furdúncio saiu-se com este disparate: _ Onça quatorze! Muitos não conseguiram conter o riso, inclusive o próprio vigário, que logo percebeu o estado etílico em que se encontrava o embusteiro.

Começa, então, a lenga-lenga do pode-não-pode, o sacerdote afirmando que aquilo não era nome de cristão e outras explicações mais. Por fim o padre, resoluto, falou que, com aquele nome, não faria a cerimônia, e o homem, decidido, afirmou que, com outro também não faria, pois afinal somente a ele caberia escolher como queria chamar a filha.

O homem de Deus, após algumas admoestações, que não admitia chacotas perante a santa igreja e coisa e tal, com a ajuda dos presentes conseguiu convencê-lo da inoportunidade do batizado, sendo melhor marcarem uma outra data, quando ele, de cabeça mais fria, teria condições de escolher um nome apropriado para a garota. Antes de despedi-lo, porém, movido pela curiosidade, quis saber o vigário qual o motivo que o inspirara na escolha de tão original quanta esquisita alcunha, ouvindo então este primor de explicação:

- Me desculpe, seu Padre, eu não estou com chacotas, mas o Sr. está com pirraça, pois se a santa igreja teve um de seus papas com o nome de Leão treze, porque eu não posso batizar minha filha de Onça quatorze?... E saiu no rumo dos bares, buscando completar o tanque.

Ubiratan Queiroz, norte-rio-grandense, é poeta e contista.

A palavra instaurada em Contracanto

Romão Inácio

José Jarbas Martins, autor de *Contracanto*, é natural de Angicos/RN. Graduado em Direito pela UFRN (1967), exerceu a função de promotor de justiça e, atualmente, é professor do Departamento de Comunicação Social da mesma universidade. Poeta em caráter de imanência, sempre manteve contato com as letras. Dirigiu a revista *Rumos* – Diretório Acadêmico “Amaro Cavalcanti” – no período de 1964-67; publicou poemas e artigos em jornais alternativos, e em suplementos literários da imprensa local e de Recife/PE. Integrou o grupo responsável pelo lançamento da poesia concreta no Rio Grande do Norte, o grupo *DÊS*, composto ainda por Moacyr Cirne, Anchieta Fernandes e Juliano Siqueira. Colaborou com a revista paulistana *Escrita* no período de 1976-77. Expôs poemas visuais na mostra de artes organizada por J. Medeiros, a *Expoética-77*.

O livro *Contracanto* teve a primeira edição publicada pela Fundação José Augusto – recebendo o *Prêmio FJA* – em 1978. Em 1996 foi lançada uma segunda edição revista e aumentada, comemorativa do 40º ano do lançamento da Poesia Concreta.

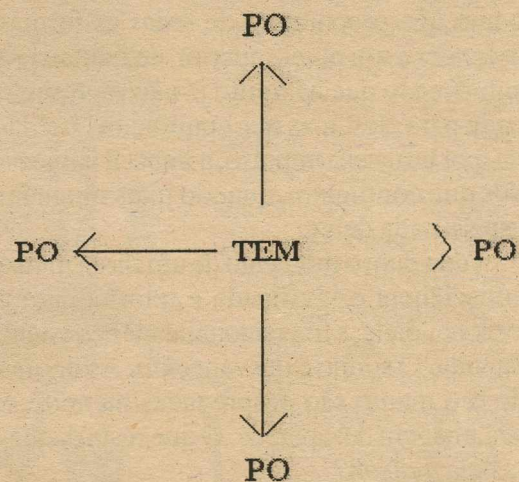
Composto por trinta e três poemas, *Contracanto* representa, no mínimo, uma produção de singular importância quanto a expressão poética no Rio Grande do Norte. Em sua composição se dispõem formas que variam dos sonetos – sem, no entanto, haver uma necessária obrigação formal – aos poemas concretos, validando a possibilidade de diálogo e de antagonismo em relação aos recursos poéticos tradicionais. A disposição traz os conjuntos de poemas intitulados: **Canto extemporâneo** (composto essencialmente de sonetos e odes como o belíssimo *Soneto imaginário para novembro*); **Meta: poema** (três poemas, três grandes lições); **A palavra fronteira** (a palavra-matéria do mundo); **Contracanto** (a restauração/instauração da palavra enquanto completude visual); e ainda **Da arte de maldizer ou dizer mal**; **Letra para música e baião-haica**; **Ad perpetuum rei memoriam** e **Post scriptum**.

Partindo de odes e sonetos, o autor

encaminha suas palavras à fragmentação pós-moderna, explorando suas potencialidades através de combinações sintático-semânticas.

O domínio da possibilidade visual da palavra também se faz presente. As três dimensões: a semântica, a sonora e a gráfica são exploradas, como em *vida*:

A poesia em *Contracanto* propõe a



múltipla possibilidade de significação, o questionamento à linearidade desconexa ao mundo concreto. A tridimensionalidade da palavra é então projetada no espaço branco da página.

Eis, enfim, que o poeta Jarbas Martins nos apresenta, através de sua produção: a poesia como um modo privilegiado de vida. Viver a poesia é crer na utopia dos signos, na possibilidade plástico-visual da memória e, por palavras do próprio autor:

“Pouco importa que o céu anule a tua
presença
visível e
corpórea
se o que nos basta é a
memória
do teu canto e o
pressentimento
do teu vôo
que te confunde com o próprio vento.(...)”

(J.Martins, *Pássaro Azul*)

Romão Inácio é estudante de Letras na UFRN.

Labim/UFRN

Orquestras, músicas e mitos

Genildo B. de Oliveira

Este ensaio, trata-se, tão somente, de um mero exercício de saudosismo, uma mera resenha sobre música americana, uma evocação às grandes orquestras americanas e seus "band-leaders", os grandes clássicos musicais que encantaram o mundo, mitos inesquecíveis que ultrapassaram a barreira do tempo, tentando, dessa forma, cultuar o nome daqueles que dedicaram todo o seu talento, toda sua genialidade para o engrandecimento da música mais popular do mundo, referente aos trepidantes Anos Vinte (identificada como a "Era do Jazz", do Charleston, Lei Seca, Al Capone, Scott Fitzgerald, o porta-voz do jazz e grande historiador daquela década e a Depressão), dos turbulentos Anos Trinta e aos vertiginosos Anos Quarenta, denominados por alguns como Anos Dourados, em que a música americana alcançou o mais alto índice de indiscutível popularidade, influenciando milhares de pessoas em todo os recantos do planeta.

Confesso que sou um incurável saudosista. Desde que me entendo sempre gostei muito de música e ficava emocionado ao ver uma orquestra tocar. Não importava o lugar, num baile, num circo ou até mesmo num desfile militar.

Seria realmente muita pretensão identificar o número de orquestras que foram criadas e desfeitas durante essas três décadas. Mas isso não tem a menor importância tendo em vista que esse esforço de memória, não ter nenhum compromisso com a fria exatidão de datas, pelo simples fato do presente ensaio não tratar-se de algo de cunho rigorosamente cronológico.

Para começar, como se constituía uma banda americana ou de estilo americano? Basicamente havia uma bateria, um piano, contrabaixo, saxofones, pistons, trombones de vara, clarinetes, não raro acrescidas de violão elétrico, flauta, acordeon, até mesmo harpa. Havia, também, quase sempre os "crooners", cantor ou cantora (um ou vários), que se constituíam parte da orquestra.

Naquelas saudosas décadas, pulavam as grandes orquestras americanas. Hoje, fala-se muito da banda de Glenn Miller. Evidentemente foi uma grande banda, pode até ser

considerada como uma espécie de símbolo de uma grande safra de orquestras, só que também havia outras bandas iguais ou melhores do que a dele. Talvez o fato que justifica a popularidade Glenn Miller esteja no seu misterioso desaparecimento (o avião em que viajava o major comissionado do exército

americano Glenn Miller, desapareceu quando sobrevoava o Canal da Mancha, de regresso do "front", por volta de 1944, quase no final da Segunda Grande Guerra). Daí criou-se uma aura de sentimentalismo em torno de sua vida. Sua história foi vivida no cinema, gerando tema de um grande filme, intitulado "Músicas e Lágrimas". Além de regente era autor de várias músicas tocadas pela sua própria banda. A marca registrada de sua orquestra era o belíssimo "Moonlight Serenade", de sua autoria e de Mitchel Parish, que se chamava, ao menos no Brasil, fox-blue. Era a música dos namorados e dos românticos.

Talvez seu trabalho mais marcante tenha sido a adaptação para fox da marcha militar



Benny Goodman, um dos *band leaders* da era dourada do jazz



O clarinetista Artie Shaw à frente de sua famosa big band, que rivalizava com a de Benny Goodman americana "American Patrol", que se tornou, em termos de orquestração, um verdadeiro clássico. Várias dessas bandas foram se tornando enormemente populares no mundo inteiro, inclusive na Alemanha Nazista, onde se ouviam clandestinamente emissoras de rádio que transmitiam música americana.

O chefe "band-leader" de cada uma dessas orquestras eram quase sempre solista: Glenn Miller e Tommy Dorsey eram trombonistas; Benny Goodman e Artie Shaw, clarinetistas; Harry James e Ray Anthony, pistonistas; Jimmy Dorsey, saxofonista, etc.

As bandas mais famosas tinham suas próprias características. Tommy Dorsey se destacava com *I'm Getting Sentimental Over You*. Seus arranjos mais notáveis foram as adaptações para fox de peças eruditas, tais como a "Canção da Índia", da peça *Humoresque* (Dvorak) e "Dança das Horas" (Ponchielle). Tommy também ficou célebre pelo lançamento de uma música por ele batizada de "Boogie-Woogie", que foi o início de um interessante estilo de fox, principalmente um novo estilo de dança, só comparável ao velho Charleston dos Anos Vinte.

Quanto ao sulista da Georgia Harry James, sua orquestra se identificava com o romântico *You Made me Love You*. Al Jolson foi o primeiro a descobrir a magia dessa canção. Cantou-a em 1913, usando a cara pintada de preto que veio a ser sua marca registrada.

Em 1937, Judy Garland, aos quinze anos, fez sua primeira grande apresentação no cinema, cantando a citada música, diante de uma fotografia do astro Clark Gable em "The Broadway Melody" (Canções da Broadway).

Egresso da Banda de Benny Goodman, Harry James organizou sua própria em 1939. Sua orquestra era excelente e todos os sentidos, principalmente porque era muito grande, muito maior do que as outras, incluindo uma inovação que foi a introdução de muitos violinos. James era um virtuose no piston, considerando o maior trumpetista de seu tempo. Notabilizou-se, e particular, pelo lançamento de fox de estilo lento, que logo ganhou fama, o "Sleep Lagoon" e por um arranjo para o "Vôo da Abelha" de Rins-Korsakov, onde seu virtuosismo ultrapassa todas as expectativas do perfeccionismo.

Sua orquestra foi atração em muitos filmes musicais.

Já a orquestra de Artie Shaw, (que, segundo alguns, vivia para competir com Benny Goodman) e, segundo os seus íntimos, era um cara extremamente vaidoso, que o mínimo que esperava que dissessem a seu respeito, era que ele, além de ser bom, era bem melhor do que Benny Goodman. Era realmente muito bom, muito culto e um extraordinário arranjador, apesar de pouco conhecido no Brasil naquela época, nada deixava a desejar em relação às outras orquestras de

seu tempo.

Celebrizou-se e função do solo de clarineta que inseria em trechos de músicas. "Stardust" foi uma dessas músicas. Não havia clarinetista que não tentasse imitar o solo de clarineta, criado e executado por esse extraordinário Artie Shaw.

Uma orquestra também muito especial era a de Paul Weston, com muitos violinos, além dos metais. Seu estilo aveludado a tornava inconfundível.

Xavier Cugat era espanhol, mas sua orquestra era sediada nos Estados Unidos. Era especialista e músicas do Caribe: rumbas, congas, boleros, etc. Quando se apresentava e frente da orquestra, revezava-se tocando violino ou acariciando um cachorrinho. Por muitos anos foi a orquestra exclusiva do elegante e famoso hotel "Waldorf Astoria", de Nova York.

O judeu Benny Goodman foi muito mais do que um band-leader. O "Rei do Swing", como era conhecido, era também compositor, empresário, instrumentista e um notável descobridor de talentos. De sua banda, dentre outros, emergiram para o estrelato musical, nomes famosos como os Harry James, Glenn Miller e Gene Kruppa.

Orquestras populares tornaram-se famosas, tais como as de André Kostalanets, Percy Faith, Morton Gould, Mantovani, George Melachrino. Destas cinco, duas eram inglesas.

No final dos Anos Quarenta surgiram duas excelentes orquestras: Ralph Flanagan e Ray Anthony, considerados continuadores do estilo musical.

Gene Kruppa, além de band-leader era considerado o maior baterista de seu tempo. Sua orquestra foi criada em 1938, mas ele viveu freneticamente todas aquelas décadas. Caiu em desgraça após haver se envolvido com drogas (marijuana). Sua história foi vivida na tela, com o filme "Gene Kruppa Story", aliás um filme medíocre que não fez jus a trepidante vida do boa pinta e "bon vivant" Gene Kruppa.

Dessas três décadas (1920/1940), podemos citar a existência de famosas orquestras: Jimmy Dorsey, Ted Wilson, Woody Herman, Ted Heath, Charlie Barnett, Bunny Brigan, Fletcher Henderson, Lionel Hampton, etc.

Apesar de não terem sido band-leaders, esses músicos foram considerados fora de série e fizeram parte das bandas dos "Grandes Nomes" como Al Klink, criador do famoso solo da música "In The Mood", na orquestra de Glenn Miller; Bob Hagart, na de Bob Crosby; Bernie Leighton, um virtuose do piano; Urbie Greenn que já fez parte da orquestra de Woody Herman e Benny Goodman; Mel Davis, Buddy Morrow, Walt Levisnky, etc.

Um dos personagens marcantes da vida Labim/UFRN

musical americana foi um certo senhor de nome Eddy Duchin. Tinha um estilo inimitável. Ninguém tocava piano como ele. Sua história foi também contada no cinema no inesquecível filme "Melodia Imortal", brilhantemente interpretado por Tyrone Power.

Inserido nesse fabuloso mundo musical existe um espécime conhecido como letrista, que faz dupla com autor da música. Na realidade não é muita gente que sabe quem é quem. Os grandes letristas faziam muito mais do que ajustar palavras para as músicas, eles davam destaque às gírias e muitas vezes transformavam banalidades em sucessos. Como

exemplos de duplas famosas poderíamos citar: Richard Rodgers/Lorens Hart (letrista), George/Ira Gershwin (letrista), Harold Harlen/Johnny Mercer (letrista), Sammy Kann/James Van Heusen, Hoagh Carmichael/Mitchel Parish. Johnny Mercer é considerado o mais genial. O seu segredo estava no fato de recusar-se a se tornar parceiro de apenas um compositor. Ele encontrava as palavras certas para Harold Harlen, Harry Warren, Richard Whiting, Jerome Kern, Hoagh Carmichael e outros.

Abro aqui um parêntese para fazer um breve comentário sobre uma excepcional emissora de rádio carioca que, nos idos de 1954, influenciou substancialmente o meu interesse pela música americana. Seu nome é Rádio Tamoio. Seu prefixo era "Rádio Tamoio, 900 kilociclos, música, exclusivamente música". Havia um programa naquela inesquecível emissora, do qual eu era um admirador apaixonado. Tinha um sugestivo título: "Pelas esquinas da Broadway", com o belíssimo "Halem Nocturn", como prefixo. Escutar esse programa era estar em contato auditivo com celebridades como Pegg Lee, Sarah Vaughan, Andy Williams, Tony Benett, Ella Fitzgerald, Caterina Valente, Care Cavalaro, The Four Aces, Pat Boone, Dinah Washington, Frank Sinatra, Frankie Layne, Roseary Clooner, Lena Horne, Doris Day, Anita O'day, Dinah Shore, Judy Garland, Liberace, Johnnie Ray, Perry Como, Vic Damone, Jo Stafford, entre muitos outros.

Na minha opinião só existem duas qualidades de músicas: a boa e a ruim. A boa música consegue ser por si mesma; se eterniza; ignora o tempo; se transforma em clássicos. A música ruim, ou de consumo como costuma se chamar, desaparecem, graças a Deus,

tão rapidamente como surgem. Exemplos de boas músicas que desafiaram o tempo e se tornaram verdadeiros clássicos da música popular americana, como por exemplo: "As Time Goes By". O ritmo envolvente dessa música se espalhou pelo mundo todo durante a Segunda Guerra Mundial e graças, até certo tempo, ao filme "Casablanca", do diretor Michael Curtiz, depois de ter sido tocada e cantada pelo cantor e pianista negro Dooley Wilson. "Stardust", música composta em



Em 1939, Woody Herman e sua orquestra emplacou o seu primeiro sucesso jazístico, a canção "Woodchoppers' Ball"

1926 por Hoagh Carmichael/Mitchel Parish, permanece até hoje impregnada de místico encantamento; "Night And Day", talvez seja a canção mais famosa de Cole Porter, composta em 1932, mas certamente não a mais bonita, cuja música Cole Porter tinha razão de amaldiçoar (o que aliás o fazia constantemente), pelo fato dos críticos se recusarem a reconhecer que ele tivesse composto outra obra tão boa; "Chicago", essa música foi composta em 1922. Fred Fisher tinha então 24 anos de idade quando chegou à cidade de Chicago em 1900. O compositor e pianista

de origem alemã, levou 22 anos para escrever a canção que imortalizou o espírito da cidade; "What A Difference A Day Makes", composta em 1930. Durante a década de 1930 a música popular americana começou a absorver as cores vivas da música dos países latino-americanos. Os sons iniciais vieram de Cuba, com o Vendedor de Amendoim e Malaguña do grande compositor Ernesto Lecuona. "What A Difference A Day Makes" (Que diferença faz um dia), chegou aos Estados Unidos, procedente do México, onde

era conhecida como "Quando vuelva a tu lado", composta por Maria Grever, conhecida pianista mexicana; "Summertime", belíssima composição do jovem e genial George Gershwin; "My Funny Valentina", composta em 1937, pela dupla Richard Rodgers/Lorens Hart, cantada na Broadway por Mitzi Green. Um dos maiores responsáveis pelo som dos Anos Vinte, foi maestro e grande compositor da época, Ishan Jones, autor de inesquecíveis sucessos como "I am See You In My Dreams" (Vejo você em meus sonhos) e "It Hat To Be You", que ao longo do tempo tiveram interpretações magistrais de Harry James e Tony Benett, compostas por volta de 1924; "Laura", esse belo tema composto por Harold Harlen para o filme do mesmo nome, estrelado por Gene Tierney e Clifton Webb, um dos maiores exemplos de um tema composto para um personagem; "Softly a Morning Sunrise", de Sigmund Romberg, traduzido como "Suave como a brisa do amanhecer", é entre outras, uma das mais belas canções da música americana. Para essa bela canção, Artie Shaw deu uma orquestração, talvez a mais espetacular orquestração feita para uma música; "Remember", do

compositor Irving Berlin, foi composta em 1925 e o seu título completo é, na verdade, "You Forgot To Remember" (Você esqueceu de se lembrar). Quase toda canção se relaciona com o tipo de súplica tradicional que se pode esperar de uma canção popular. Essa canção era especialmente dirigida Ellin Mackay, sua futura mulher, com a qual casou-se em 1926. "Alwais" de Irving Berlin. Ainda a respeito de um dos mais conhecidos romances da década de 1920, entre aquele autor e Ellin Mackay, acima citada, filha do

orgulhoso, obstinado e milionário, Clarence H. Mackay, que se opunha frontalmente ao casamento da filha com um compositor de música popular nascido num gueto. Essa música foi dedicada a ela como presente de casamento, um presente que nos próximos 20 anos havia rendido 80.000 dólares; “My Heart Stood Still” (Meu coração ficou parado), música composta por Richard Rodgers/Lorenz Hart (que diga-se de passagem, era basicamente compositores da Broadway). Esta música tem uma história interessante, é o seguinte: a dupla se encontrava em Paris no interior de um táxi, em companhia de duas moças, quando o carro quase bateu em outro veículo. “Meu coração ficou parado”: - exclamou uma das moças. Hart, que era o letrista, observou laconicamente: “Bom título esse”; “St. Louis Blues”, composta em 1914, por W.C. Handy. A origem dos blues, souls, Spirituals (eufemismo de branco), pois na verdade todas essas denominações expressam uma mesma coisa “música negra”, sentimentos da alma negra que se perdem nos recessos inexplorados de sua tradição, de suas raízes. Sophie Tucker, teve importante participação no estabelecimento dessa música como o primeiro grande sucesso; “Stormy Weather” composta em 1933, é mais um clássico do senhor Harold Harlen, cantada pela primeira vez por Ethel Walters. Diziam, que a mencionada artista quando cantava essa música costumava comentar: Eu me sentia aliviada do inferno pessoal em que eu estava sendo esmagada”; “My Melancholy Baby”; música de Ernie Burnett, a qual foi composta em 1912 e um dos grandes sucessos de Frank Sinatra; “That Old Black Magic”, de Harold Harlen/ Johnnie Mercer. Foi em 1942, a continuação que Harold Harlen deu ao seu sucesso do ano anterior, “Blues in the Night”; “Tea for Two” (Chá para dois), música de 1925 do compositor Vincent Youmans; “Autum Leaves”, esta música começou como um poema, “Les Feuilles Mortes” do poeta francês Jacques Prévert, Joseph Kosma, compositor húngaro que vivia na França desde 1933, compôs uma melodia para os versos, que foi muito cantada nos cafés de Paris, depois da Segunda Guerra Mundial; “Charmaine” de Erno Rapee. Muito antes do cinema ser falado ou cantado, havia músicas-temas para os filmes. Uma das que tiveram mais sucesso dentre as compostas para o cinema mudo foi “Charmaine”, de Erno Rapee, escrita em 1926; “Fascination”, uma obra prima; “Smoke Gets In Your Eyes” (Fumaça em nossos olhos), de Jerome Kern, composta em 1933; “Tenderly”, do compositor Walter Gross, é considerada uma das mais belas peças da música dolente. Valsa encantadora

e envolvente, cuja versão vocal de maior envigadura foi de Rosemary Clooner; “Over The Raimbow” (Sobre o arco íris), do inspirado Harold Harlen, composta em 1939, especialmente para o filme “O Mágico de Oz” e um dos grandes sucessos de Judy Garland; “Love me or Leave me” (Ama-me ou deixa me), de Walter Donaldson e Sammy Kann; música romântica de uma suave beleza teve vários intérpretes, principalmente na voz melodiosa de Doris Day, mas ficou estreitamente relacionada à voz de Ruth Etting que foi a maior cantora de canções de amor à era das canções de amor no fim da década de 1920. Essa bela moça do Estado do Nebraska, com estilo de cantar simples e sem afetação, que se destacava pela excepcionalidade vocal – uma espécie de som solitário da região das planícies.



O trombonista Tommy Dorsey e sua orquestra foi um grande “hit” na década de 40 nos EUA, e em 1951 encantou os cariocas tocando com a Orquestra Tabajara de Severino Araújo

Para encerrar eis mais alguns títulos de músicas que fizeram grandes sucessos: September Song, Unchained Melody, Only You, My Foolish Heart, Harlen Nocturn, Stella By Starlight, Blue Moon, Begin the Beguine, You/11 Never Know, Always In My Heart, Dreams, Cheek To Cheek, Poor Butterfly, Body And Soul, Blues In The Night. I’m in the Mood for love, The Man I Love, etc.

Destacar os nomes desses mitológicos personagens, desses monstros sagrados da música americana, seja músico, cantor ou compositor é um ato bastante complexo. Os críticos costumam classificar de os “Quatro Grandes”, compositores da música americana tenha sido: Irving Berlin, George Gershwin, Jerome Kern e Cole Porter e o que dizer desses outros geniais compositores como Harold Harlen, Richard Rodgers, Vernon Duke, Victor Young, Dimitri Tionkin, James Van Heusen, Paul Frances Webster, Harry Warren, Jay Livingsgton, Hoagh Carmichael, Eddie Burnett, Walter Donaldson, Mitchel Parish, Henri Mancine, Max Steiner, Ray Evans, Ned Washington, Vincent Youmans, Maxwell Henderson, Kurt Weill, Ted Koehler.

Como não existe espaço para exaltar os nomes de grandes cantores e cantoras que fizeram nossos corações vibrar, quero deixar gravados numa homenagem especial a estas três personalidades, grandes mitos da música americana:

Billie Holiday (pseudônimo de Eleonora Fagan), considerada a Rainha dos Blues. Dotada de estilo originalíssimo, foi “crooner” de famosas orquestras, como a de Count Basie nas décadas de 1930/1940. Viciada em drogas (heroína), morreu como indigente numa rua de Nova York. Teve também sua história levada para as telas, num filme realizado em 1972: “Lady Sings Blues” - traduzido no Brasil como “Ocaso de uma estrela”.

Bessie Smith (forma abreviada do nome de Elizabeth Smith), considerada também uma das maiores cantoras de blues.

Francis Albert Sinatra, popularmente chamado Frank Sinatra, e pelos especialistas de música como “The Voice”. Vendedor de programa de rádio transmitido em rede nacional em 1937, o perseverante tenor de Hoboken, que foi “Crooner” na orquestra de Harry James em 1939, Tommy Dorsey durante os anos de 1940/1942 e se tornou nas décadas de 1950/1960 o cantor mais popular do mundo. Era ator, empresário, milionário, foi agraciado com o “Oscar” da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood, pelo seu extraordinário desempenho no filme “From Here To Eternity” (A um passo da eternidade).

Genildo B. de Oliveira é pesquisador de Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine – CEPEJUL, da Fundação José Augusto

Todo fogo

Afranio Pires lemos

Nas férias escolares dos meus 15 anos, fui olhar o mundo de meu avô que morava no Seridó. Já sabia não encontrar muitos primos, por estarem se mudando para a capital. O importante seria estar na cidade, nem que fosse, como no caso, por uns dias. E por coincidência, cheguei bem na véspera de uma transferência de material agrícola que o avô efetuava para o Catururé, sua fazenda nova, a duas léguas da cidade.

O material seguiria numa carroça também nova, com rodas de ferro

Na manhã da viagem, vi-me encimado em sua carga, com recomendações das tias, para que tomasse cuidado com a vida.

Carroça comprida e forte, saímos, sentindo-me um pouco fazendo filme de calbói no velho oeste americano, que tanto gostava de assistir. A minha carroça, no entanto, era nordestina e puxada por um boi preto e branco e, fora isso, nada tinha de mais dramático.

E em assim sendo, partiu.

Meus companheiros eram Moscouro e Ludugero, com recomendações de que tudo saísse a contento. Moscouro disse que, sim, senhor. Negro esguio e trabalhador vivia pelas ruas da cidade, conhecido de todos e efetuando todo serviço que lhe propunham. E Ludugero, morador da fazenda, bom mulato tirador de leite de vaca e zelador das fruteiras. E ajudava Severino Garcia em várias tarefas. Até na Casa Grande.

Bem acompanhado, pois, ganhamos a estrada que passava pelo mata-burro e pela usina de óleo do coronel Medeiros. Saimos da cidade numa velocidade igual ao que o velho Ford desenvolveu quando desenvolvia o seu invento pelas ruas de Detroit.

Catabis e vento, vento e palavreado de Moscouro e Ludugero, assuntando temas de relativa importância, aos quais eu não tinha acesso pelo desinteresse, e pelo prestar atenção ao cenário em nossa volta. Como um dente me doía dias antes, houve de extrai-lo



na cidade, e ia mais ouvindo, com precauções que as tias recomendaram, tendo no escudo de ser um descendente, a fortaleza de menino que sabe dirigir, assim, até carroça.

10 horas, sol quente do sertão.

Moscouro não resistindo, e nos olhando um de cada vez, disse só carecer, agora, o aparecimento duma garrafa de aguardente. E abrindo caixote que vinha mais atrás, no material, retirou-a com um sorriso e passada de língua pelos lábios secos. Destampou-a com os dentes e me ofereceu.

-Não, obrigado Moscouro. Não bebo.

-Ora, ora, ora! Comece, tome.

-Já lhe disse; não bebo.

-Tome, sêo doutozim. Assim cuma o sinhô é da capitá e num sabe o que é isso, nós lhe garantimo: é a coisa mió do mundo. Pode prová.

-Não se trata disso, Moscouro. É que, além de não beber, no sábado extraí um dente, com o doutor Solano. Um maxilar. E cê sabe, é fogo! E pode fazer mal.

-Besteira, home. Pegue a garrafa. Pulo que tou veno já faz quase três dias desse arrancamento. E isso num ofende nadinha, nadinha... Nós aqui tudim, bebe. Depois, num pode fazê mal. Mal - de quê? - num dente

que já se foi! Pode é servir pra miorá o amaciamento do lugá onde ficou o buraco da raiz. E adonde já se viu um cabra injeitá cana?

- Sei lá! Tou enjeitando aqui agora, nesse instante. E tou lhe dizendo que você não pode dizer que um troço desse faz bem ou mal a quem quer que seja.

- Tá! Mas, agora sim!... O home fala bem cuma beia! Acho que o senhô, como neto do home, num deve negá fogo. Num sóis primo de Eraquim e Pimpim? Apois?

- Não se trata disso, Moscouro. Lhe garanto, contudo, que não vou lhe atrapalhar em nada o seu gosto de tomar cana. Pode tomar. Pode se servir à vontade.

- Mas, home, essa é de premera!

- Não estou acostumado, Moscouro.

- Antonce? Comece agora. Vá. Ramo! Depois, com vosmecê aqui, eu num posso começá a tomá a minha, sem a sua serventia.

- Pra lhe falar a verdade, Moscouro, começo a me chatear com essa caninga. Já disse e repito lhe falando franco: nunca bebi na minha vida.

- Vige Nossa senhora! Antonce, home, comece! Tome depressa a bichinha. Tome, tire o selo. Tá na hora e a conversa tá dando uma sede da mulesta.

E me estirava a mão contendo a garrafa. Ficou naquilo uns dois minutos, quando tomei a resolução.

- Dê cá.

Encostando o gargalo nos lábios, virei-a Solvi gole ajuizado e a me deslizar pela goe-

ficar..

- Tome mais um.

E um terceiro trago para esfriar o corpo no sol de rachar. Graduei a dose, pequena, meticulosa, porque bandeirante que era de novo amanhecer e crente da responsabilidade de ser neto do homem, e primo de Eraquim e Pimpim, não podia fraquejar.

- O senhô sabe cantá?

- Sei muito, não, Moscouro.

- Num tira nem uma lasca de modinha? Nadinha, nadinha?

- Não, não. Assim por cima, sei cantar "Sertaneja". "Sertaneja" serve?

- Ave Maria, esse menino! E cuma! "Sertaneja" pra mim é o mió negócio que se canta nesse mundo. Serve demais. "Sertaneja" pra mim é mé. Quês vê cante aí um pedaço.

Orlando Silva me ajudou e solfejei a valsa-canção por uns minutos, na disposição de poder voar para vê-la e amá-la. Moscouro e Ludugero atentos, bebiam e me ouviam, como se uma orquestra estivesse ali, e fosse a de Severino Araújo e, aqui e acolá, desse arremates assim rasgantes de trompetes e saxofones, para deslumbrar qualquer ouvinte.

- É bom demais um caba cantá assim, sô! Sos tou tu dizê que tu num sabe! E ói aí: cantano, cantano, na cantoria nós já chegemo.

No Catururé, enquanto eles descarregavam a carroça e se entendiam com Severino Garcia, o administrador, aproveitei para me

"E um terceiro trago para esfriar o corpo no sol de rachar. Graduei a dose, pequena, meticulosa, porque bandeirante que era de novo amanhecer e crente da responsabilidade de ser neto do homem, e primo de Eraquim e Pimpim, não podia fraquejar".



la, queimando todo o caminho. Baco deve ter sorrido, pois as caras sorridentes dos dois comparsas me olhavam, esperando o veredicto e, lógico, a aprovação. Devolvi-a

- Inhô, não... Tome outra. Nê bom? Pois tome outra.

Tomei o segundo trago e, francamente não tinha graça nenhuma. Por outro lado não havia rejeição por parte do organismo. Qualquer repugnância. E me comportei como gente dali e gente da capital, e lhe devolvi de vez a garrafa.

E eles a viraram em seguida algumas vezes, me fazendo compreender que a vida nada mais seria que aquilo. E que o mundo seria um procedimento só e proveitoso como o atual. E honesto e sadio, como se podia veri-

banhar no açude. Agua fria no ímpeto de sentir-se quente e fria, na delícia de ser água minha, de meu avô, de minhas aventuras. E princípio, mergulhava e vinha à tona, num momento de descontração da melhor categoria e sempre com os olhos nos movimentos lá pelos apêndices da Casa Grande.

- Rambora, esse menino. Já terminemo e tá tudo certo. Severino tá dizeno que amanhã Nozinho leva batata e coco, pra lá. E melancia, se tivé. Diga á dona Nisia, jo viu?

- E vamos, já?

- Ramimbora. Ramo de pés, que a carroça fica, cuma cê sabia. Chico Zero vai dá um trato nela e vão guiá ela por aí.

- Então, vamos nós. Só um instantinho enquanto me enxugo.

Começou a volta. Adiante Moscouro, curioso, indagou:

- Me diga uma coisa, esse menino. E aqui tombém pra Ludugero... É verdade que Natá é do tamanho de Caicó e Currais Novos junto?

- Pode ser. Natal é a capital do Estado e como tal deve ser melhor tratada, para receber pessoas que vêm de fora.

- Antonce deve sê do tamanho de Campina. Mas, pelo que me consta, Campina num é capitá. E pra que é que é tão grande? Lá chega muita gente de fora, tombém?

- Chega, chega. Campina Grande hoje é uma beleza. Junção de pequenos e médios comércios. E algumas indústrias importantes. Mas. Moscouro, e também Ludugero, que tá aí meio calado: Campina num é maior que João Pessoa, não. João Pessoa é que é maior que Natal, falando assim de casa e sobrado. Mas, de movimentação, Natal lhe dá rasteira.

- E tinha que dá, né esse menino? Com Dr. Juvená e Zé Augusto governano e o Coroné João Medeiro ajudano, tinha que sê. Natá é do tamanho de quê?

- Cê conhece Acari, num conhece? Pois bem. Pegue Acari, Caicó, Jardim, Cruzeta, Serra Negra e Currais Novos e pronto. Ainda sobra. E o que sobra é do tamanho de Japi.

- Menino! E cuma é que se trabaia lá? Como se bota água? Como se ajeita guarda-chuva? Como se desintope fossa, lá, hem esse menino? Vi dizê que em Natá toda casa tem uma fossa. É verdade?

- Verdade. Tem umas poucas que são saneadas. Num chega nem a 20 por cento.

- Qué dizê que eu mais Lobo, se morasse lá, poderia vivê só limpano fossa?

- Poderia. Lógico que com algum material. Nada além do que corda, lata e escada.

- Mas, que beleza, minha Nossa Senhora do Rosário! Num sei prueque aqui em nós, num se cuida disso, com só a casa do seu avô mais a de são Pedro e o povo ali da Rua da Frente, pra se trabaia em fossa. É munto pouco trabaio, visse? Desentupindo, visse?

- E só tem essas, mesmo?

- Sim! Pode tê mais alguma, mas nenhuma chega a animá a gente. Aqui se usa muito o cagadô. Sabe o que é cagadô?

- Sei, sei. Já me servi de um. Num é aquele quadrado de madeira, com um buraco no meio?

- É. Mas, num é esse "buraco no mei" assim fraco, não. Tem o istrado pra se subi O buraco pra se agachá. E tem que tê a tampa pra se tampá. De qualqué forma, nós trabaia neles. Nós ajuda na cavação e no entupimento depois, quano tá cheio. E o dono nos dá uns trocado, cuma se lhe vê, serviço munto fraco. E demora cumo beia, a encher.

E nos aquietamos, sonhando nossos sonhos e tirando justas ilações de conversa altamente técnica. E desejando vida melhor para

-Que tropa é aquela, Ludu?
-Sei não, Moscouro. Mas, deve sê Nego.
-Num pode, home. O que danado Nego taria fazeno por essas banda?
-E eu lá sei, Moscouro!
-Vá vê que aquilo é compade Zezão-de-dona-Zefinha, home!
-E apos, num é mermo! É ele, Moscouro. É Zezão.

-E vai passá pru nós?
-Pela carreira, vai.
-É. Ele deve vir vortano da rua. Vem bebo?

-Deixa eu vê, Moscouro. Cê é apressado como urtiga. Num dá nem pra garantir ainda, assim garantido, se é o home mesmo, quanto mais sabê se ele vem no grau.

-Cê é desplanaviado, mesmo, né Ludu? Num sendo Nego, é Zezão. É sim. É Zezão, sêo amoslestado! É ele! Só pode, home! Só pode.

-Apos, tá certo. E lá vem ele. Agora dá pra se vê mermo direitim. É ele.

-Pula carreira, tem cana e ramo pedi a saideira. Zezão num nega fogo, visse?

-Lá isso é.

E houve o encontro. Saudações.

-Cuma le vai a famia? E a colheita? Acha que dá pra negoço esse ano, Zezão?

-Home, acho. Inté tem me animado munto essas chuvinha de uns dias atrás. Cê viu? E como num se brinca com chuva eu credito. Nossa salvação é ela vim logo. E tá na cara que vai dá certo, Deus seja louvado! Tou animado.

-Tens cana aí?

-O quê? Num uvi!

-Tens um pouquinho de nada, da branquinha?

-Levo as de costume, né Moscouro! Cê sabe que tenho o barzim e preciso sempre de uma reserva que é pra ir levano a vida. E as dos outro.

-Levas quantas?

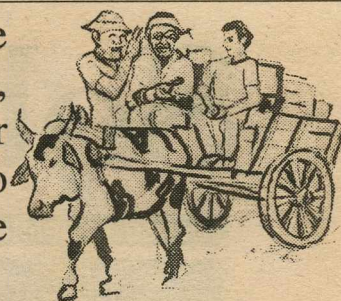
-As de costume, home! Ô que tás perguntadô como diabo hoje, cuma se eu num subesse o que tás quereno. Tou lhe dizeno, home, que levo as do comércio. Assim num tem graça. Ô Ludugero, cês já bebero?

-Só pra limpá a goela.

-Antonce, pra comemorá, vamo vê. Deixa vê no uru. Mas, só uma, visse? Por conta da casa e desse encontro aqui no mei do mundo, num solzão desse.

Foi a um dos burros e remexeu num dos urus. Demorou e com toda estratégia, fingindo não estar preparado para encontros tais. Até achar garrafa. Acaricou-a, tirou-lhe a tampa e levantou-a acima do ombro, olhando para dentro dela, vendo o conteúdo.

“Porém, entre conceitos que nasciam e atitudes de sertanejos que não negam fogo, não seria na estrada da vida que eu iria bater fofo. E bem ou mal iniciava ato tido como altamente sociavel. E hoje mais universal e abrangente”.



-Pronto. Essa daqui tá de premera. Como me vira e sabia quem eu era, pela prevalência me dirigiu a oferta.

Agradei e recusei, sem querer ofender. Alerttei-o que já havia tomado porção da que Moscouro e Ludugero levavam.

-Antonce ramo vê como tá essa daqui. E emborcou-a por uns segundos.

-Outro trago desse e vejo a hora secá a danada. Num vai sobrar nada pra nós...

-Besteira, Moscouro. Taqui ela. Premero, toma ocê e depois ocê, Ludu.

-Não. Premero aí o home, sêo desmantelado! Vai nos dá um trago, e enrola, e emborca a garrafa quase toda. Onde já se viu? E além de tudo, taí o neto do doutô. Tem que sê ele, né Zezão?

-E num ofereci, sêo gota? Ofereci. Ele foi quem num quis. Num é lá dos home?

-É. Entonce a gente insiste. Com jeito, né doutô? Tome, prove.

-E ele já tem 14 ano, Moscouro?

-Tem quinze. Tá numa beiradinha de nada pros 16. Disse a gente e eu comprovo. E é meio brabo cuma o povo de lá, tudim. Cê duvida?

-Eu, vote! Apos tome, doutozim.

Insistiram e eu revidei. Não queria mais. Poderiam se servir o quanto achassem ser legal e demorassem na conversa que fosse. Mas, me deixassem em paz.

-Se é pulo nojo ou entonce por ela tá insobejada, nós tira o sobejo.

-Não é isso, não, Moscouro. É que agora não quero mesmo. Já tou é com fome como os seiscentos. Bebam vocês. Repito: podem beber o que acharem bom. Agora me deixem de lado. Tou farto.

-Home, num momento desse, só serve cum o sinhô. Ludugero tem umas laranja ali, que trouxe. Serve de tira-gosto. E se quisé, nós compra pedaço de jabá aí do Zezão.

-Home, beba você mais Ludu e Zezão. Tomem logo isso e deixa de lenga-lenga.

-Tá se afobano? Num nega que é fio do home. Fio ou neto, sei lá.

E Ludugero tomou outra talagada. Das grandes. O homem bebeu mais que os dois companheiros. Depois derramou um pouquinho do pouquinho que ainda tinha na garrafa e passando a manga da camisa pelos

lábios, retrucou:

-Tá limpa. Pode se servir.

Aprendia ali, no meio do mato, a lei da oferta e da procura, da insistência e da descortesia. Ou a lei da comprometibilidade. Quando a gente está na chuva tem que se molhar. Embora não estivesse lá por determinação maior, estava como componente de clã valorizada, grupo que bebia, e bebia bem e me tornava expoente. Dali nasceria minha raiva por abusos tais, teimosias tais e destemperos. Dos quais, o de não se saber parar quando se bebe. Beber seria arte, desconhecida ali e, talvez, em mesas gordas. E pouco difundida ou difundida sem competência, e sem fundamentos sólidos.

Porém, entre conceitos que nasciam e atitudes de sertanejos que não negam fogo, não seria na estrada da vida que eu iria bater fofo. E bem ou mal iniciava ato tido como altamente sociavel. E hoje mais universal e abrangente.

Debutante e prestigiado pelos companheiros, não propriamente adúladores, mas com certeza espertos nativos, e até irritantes, peguei a garrafa verde, passei-lhe a mão no gargalo e virei-a.

Cara feia de poucos amigos, olhar rasgado de bandido de cinema, encarei os cabras, bravo. Bravo em prova de fogo, indio no provar ser guerreiro em qualquer circunstância, e como nos filmes de Tom Mix, paladino como ele, e brigando contra pistoleiros de ocasião.

Cuspi longe, uma saliva grossa e ardente. Apertamos as mãos, desejamos sorte às famílias e que Deus estivesse conosco, e nos separamos, dando prosseguimento a nossas viagens.

Sol a queimar árvores.

Em casa, fera indomada, almoçando feijão com arroz e carne seca e rapadura, instado a responder pela demora na viagem, não culpei ninguém. Tudo correria dentro do previsto. Olhava a todos com superiodade e consciência tranquila do dever cumprido. E bem.

E estávamos aí para novas aventuras. Porque assim seria a rotina dos heróis

Afrânio Pires Lemos, norte-rio-grandense, é contista e poeta.

Solar dos Antunes

José Anchieta Cavalcanti



Ei-lo magnífico, imponente e majestoso, encravado na Praça do Mercado de Ceará-Mirim, abrigando a seda da Prefeitura Municipal.

Construído no auge do ciclo da cana-de-açúcar, seu aspecto retrata um dos períodos mais prósperos da região, quando predominavam os senhores de engenho, dirigindo os destinos do município.

No Solar dos Antunes residiu, parte de sua infância e adolescência, a sinhá-moça que toda Ceará-Mirim conheceu: dona Maria Madalena Antunes Pereira, a qual no seu livro "Oiteiro", edições Pongetti, teve oportunidade de assim referenciá-lo: "O sobrado! templo que recolheu a velhice e os últimos dias daqueles que me deram o ser. Como esquecê-lo?

De suas amplas janelas contemplei por muitos anos, o esmeraldino brilho dos canaviais e aspirei trazido pelo vento o aroma do fumo das chaminés distantes, círios brancos dispersos na toalha verde do vale, quais turíbulos espargindo por toda parte o incenso do trabalho.

O sobrado exaltado, anos depois, pelos lampejos mentais de Umberto Peregrino, que o frequentou muito jovem, assim como Galdino Lima, Marciano Freire, Olavo Montenegro, Raimundo Antunes, João Neto, Alberto Carrilho, Pedro Varela, Nilo Pereira, Aprígio Câmara, Letício de Queiroz e muitos outros, é, hoje, apenas querida mansão vazia e silenciosa sem as antigas reuniões brilhantes e familiares dos seus salões festivos.

Moças e rapazes de duas gerações casaram e envelheceram, dispersando-se o alado bando de pardais alegres, hoje saudosos e tristonhos...

O sobrado! Símbolo de uma modesta grandeza que passou".

Tive duas tias que por algum ali residiram: Luíza e Anita Cavalcanti e, quando eu as visitava, subia por suas longas e pesadas sacadas, descortinando da ampla sala de jantar a enorme visão do vale rosa-verde que enfeita a silhueta da casa-grande do Guaporé adormecida em seu silêncio centenário. Que cenário maravilhoso!

Houve uma época em que o "Solar dos Antunes", por concessão de seus herdeiros, serviu para a realização de bailes carnavalescos, recebendo o nome de sobrado Bahia.

Ali se apresentaram os famosos blocos compostos por jovens da melhor sociedade ceará-mirinese que formaram os blocos das "Bahianas", dirigido por moças da família Gesteira, e as "Havaianas", comandadas por Cremilda Varela, que em verdadeiro duelo coreográfico desafiaram-se nos salões do velho solar.

Quem for a Ceará-Mirim, não pode deixar de visitá-lo, pois é uma das maiores relíquias do período da aristocracia rural ainda existente.

José Anchieta Cavalcanti, ceará-mirinese, é poeta.

Correio d'O Galo

Caríssimo Nelson

Li a última edição do jornal O galo. Parabênzico pela excelente entrevista com Fernando Monteiro sobre o romance "O grau Graumann".

abraços com admiração e afeto

Fabrício Carpinejar

P.s: Assim que sair, mandarei meu novo livro, Biografia de uma árvore, prefácio de João Gilberto Noll e orelhas de Vicente Franz Cecim

Fabrício Carpinejar

Currais Novos, 25 de julho de 2002

Nelson Patriota,

Através de Iran Dantas consegui alguns jornais publicados por vocês. O **Galo** é o tipo de leitura que estava faltando pelos lados de cá. Fui feliz em ter a oportunidade de ler as publicações e vou interagindo num *feed back* muito agradável.

Todas as matérias me prendem, no entanto, dou uma importância de certa forma maior ao aspecto poético do jornal, pois como Especialista em Literatura Luso-Brasileiro deixo emergir a necessidade de caminhar em parceria com o que já fora publicado e com a nova leva de poetas que, a cada dia, aflora nesse universo das letras.

Em **O Galo** de Abril de 2002 vi uma entrevista com Marco Lucchesi muito interessante e percebi essa relação poesia X homem nas palavras do autor, levando-me a intertextualizar com Mário de Sá Carneiro em Portugal e a sua dificuldade em lidar com essa relação intrínseca entre Arte e Homem. Ao contrário, do seu fiel amigo, Fernando Pessoa, que encontrou um portal para essa distinção metafísica criando os Heterônimos, Sá Carneiro continuou unificando o poeta ao homem. Isso lhe custou a morte.

Lucchesi e Fernando Pessoa criaram asas e o primeiro encontrou, enquanto poeta, uma alternativa semântica: a palavra e sua força política. Muito bom o artigo, parabéns!

Gostaria de receber exemplares do jornal **O Galo** e divulgá-lo entre os membros mais próximos da ACL (Academia Curraisnovense de Letras). De qualquer forma, envio-lhe alguns poemas mais recentes e, se interessar, seria ótimo vê-los publicados neste jornal literário.

Maria José Gomes (Eme Gomes).

Nelson amigo:

recebi ontem - afinal! - um exemplar do GALO com a entrevista e mais o seu texto sobre o *Graumann*.

É uma abordagem impecável a sua, mas gostaria que vc tivesse visto "O livro das montanhas da Lua" menos como uma obra minha do que de Lúcio Graumann de fato, conforme foi pensada. Além disso, a presença do livro — dentro do livro — ali cumpre duas funções, ainda: aproximar o leitor do tipo de obra do brasileiro nobelizado e também distanciar, cortar o romance trabalhado pelo menos entre dois extremos: o universo representado por "Acaú" (Brasil, Ariano, Jorge Amado) e as fronteiras da "Mongólia" - exterior e interior - que o livro tenta aprofundar na alma de um escritor gaúcho imaginário e afastado do rebanho de cabras das Taperoás...

Obrigado pela argúcia crítica, pela excelente entrevista e pelo destaque dado a este seu

sempre amigo

Fernando Monteiro

PS. E viva o GALO! Abraço o Woden por mim - e lhe pergunte o que ele achou do T. E. Lawrence visto desde as nuvens de sombra...

Amigos de O GALO,

Recebi o nº 5 (ano XIV) de O GALO, contendo o meu texto sobre o Ascendino Leite. Agradeço muito a gentileza. O próprio Ascendino Leite confessou-se desvanecido e acaba de me mandar uma segunda carta de agradecimento. Só me resta duplicar o agradecimento.

E cumprimentar pela excelente entrevista com o Fernando Monteiro. Por aqui já tinha saído alguma coisa sobre o lançamento de "O Grau Graumann". Mas nada comparável com a amplitude e profundidade dessa entrevista. Sinceros cumprimentos. Vocês estão mesmo de parabéns.

Abraços do

Nelson Hoffmann

(Roque Gonzales - RS)

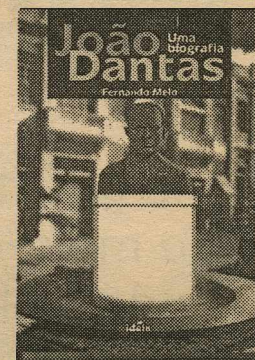
LIVROS / Lançamentos
NELSON PATRIOTA

HISTÓRIA

Edição Idéia

João Pessoa/PB

2000



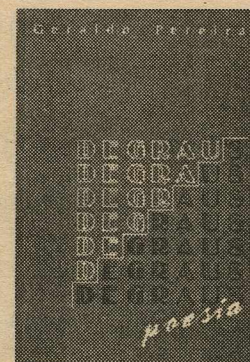
Biógrafo do presidente João Pessoa e do poeta Augusto dos Anjos, o paraibano Fernando Melo completa sua trilogia de personalidades da paraibanas com esse retrato do advogado e jornalista João Dantas, assassino confesso de João Pessoa e execrado, pela historiografia das últimas sete décadas, como "um celerado e réprobo". E contra essa visão oficial que se volta Fernando Melo. Para isso, começa repudiando a versão do suicídio de João Dantas e de seu cunhado, Augusto Caldas, no dia 6 de outubro de 1930, no Recife. Nessa remontagem da personalidade de João Dantas, Melo contradiz mais dois mitos produzidos pelo jornal "União", contra o jornalista: sua suposta relação "amoral" com Anayde Beiriz e sua condição de "marginal" e "irresponsável". Para demonstrar sua tese, Melo se vale de uma ampla bibliografia coligida em jornais, livros, cartas etc. Para quem se interessa pela história cultural paraibana e, grosso modo, pela Revolução de 30, o livro é uma rica fonte de análise.

POESIA

Edição do Autor

Goiás/GO

2002



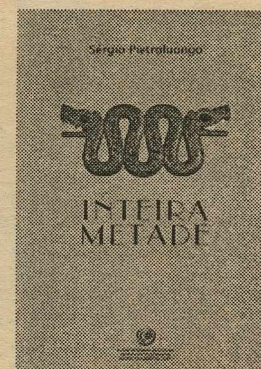
Baiano radicado em Goiás desde 1985, onde trabalha no Museu de Antropologia da UFG, Geraldo Pereira acaba de estrear na poesia com esses "Degraus de poesia". Trata-se de uma obra ainda imatura, como deixam transparecer versos carregados de forte acento político-ideológico, que revelam uma clara intromissão nos reinos da poesia. Poemas anacrônicos que tentam reatualizar experiências alheias não são, ainda, poesia. A lição de Drummond não pode ser esquecida. Em compensação, a poesia de Geraldo Pereira tem momentos de recolhimento pessoal que anunciam possibilidades promissoras. O olhar atento sobre o drama do que vai pelas ruas da sua cidade de adoção e de outras cidades país a fora, deixa entrever um observador atento para o singular, para aquilo que é único, que é uma rica fonte de poesia. "Nesta brisa suave/, sem titubear, mergulho. Não carrego nenhum orgulho/ a não ser/ o pode poder viver/ o aqui e o agora" (Aqui e agora!).

POESIA

Agência Goiana de Cultura

Goiás/GO

2002



Poeta estreante nas letras goianas, Sérgio Pietroluongo chega com seu livro "Inteira Metade" ungido pelo reconhecimento do prestigioso Prêmio Principal da Bolsa de Publicações Cora Coralina, de Goiás, versão 2000, e com o selo da agência Goiana de Cultura, instituições que hoje influem de modo positivo na vida cultural goiana e, de certo modo, dita rumos nessa área em âmbito estadual. Com uma poesia com sotaque que se deseja distinto, Pietroluongo não hesita diante dos enigmas do ser: "Tenho mais caras do que uma./ há mais eus do que eu mesmo./ Alheio-me a todos./ Faço-me existir no singular/ dos plurais./ Assim floresço meu jardim/ de segredo e anomalias,/ dentro das noites,/ fora dos dias" (...). Ou ainda em "Do Ente Ser": "Meu nome é síntese, parla,/ verbo de Deus, língua do mundo./ A cavalo de mim, carrego sonhos/ num arrastão de murchas flores,/ Apesar de bem com a vida/ e a vida cheia de dores".

Soneto (de amor) imperfeito

Jóis Alberto Revorêdo

Dia gris de chuvinha fina.
Ao meio-dia, eu saí do serviço.
Andei pelas ruas do centro, com neblina.
Almocei frugal no *sef-service*.

Esperei o sol, sem estiar.
Tenho pensado muito no meu amor.
Uma vez chorei por ela.
Era noite, ninguém viu a lágrima
Cristalizar-se com fulgor de estrela.

Fui feliz ao lado dela.
Às vezes, o amor parece felicidade infantil.
Quando menino vi o barquinho, no meio-fio,
Deslizar na correnteza pluvial e bela.

Mas o amor é como soneto: sempre acaba... no 14º verso!

